

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE BACHARELADO E LICENCIATURA EM HISTÓRIA

GUIOSEPPHE SANDRI MARQUES

**UM CONSENSO HISTORIOGRÁFICO? OS ESTUDOS POPULACIONAIS NO
MESTRADO EM HISTÓRIA DA UFPR ENTRE 1972-1982**

CURITIBA

2012

GUIOSEPPHE SANDRI MARQUES

**UM CONSENSO HISTORIOGRÁFICO? OS ESTUDOS POPULACIONAIS MO
MESTRADO EM HISTÓRIA DA UFPR ENTRE 1972-1982**

**Monografia apresentada à disciplina de
Estágio Estágio Supervisionado em Pesquisa
Histórica como requisito para a conclusão do
curso de História, Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do
Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. José Roberto Braga
Portella.**

CURITIBA

2012

“Eu sempre me lembrei não desconsidere
Sempre vou-me lembrar lá dos manos em um lugar
Tipo lá no morro no inverno tudo em volta da fogueira
para esquentar, idéia para trocar
e se os manos do B.O cheiram cola cheiram pó
só dinheiro sempre arruma são as neoroses
São vários 157 espantos na madrugada
Às vezes davam sorte às vezes o azar
Assim que é de pé com fé

Eu sempre respeitei ladrão cada um na sua função

mesmo assim vários manos já se foram
tudo mudou tô legal dessa porr... não dá pé
sonhar é muito bom não paga não nenhum tostão
lembrar de bons momentos vários manos sangue bom
É pena que morreram cedo já sabe o segredo
procure a sua por favor paz interior

A maior malandragem do mundo é viver.”

Paz interior, RZO (Rapaziada da Zona Oeste). Álbum: Todos são manos, 1999. (grifo meu)

Este trabalho é parte de uma trajetória que se pretende cada vez mais ao afastamento daquilo e daqueles que só conformam ou tornam aceitável a realidade vigente!

AGRADECIMENTOS

A todos da minha família, primeiramente.

Ao professor José Roberto Braga Portella pela paciente orientação que culminou na presente monografia – a demora gera, ao menos, resultados atrasados...

Aos professores Erivan Cassiano Karvat, Clóvis Grunner, Pedro Leão da Costa Neto, Rafael Tassi Teixeira e Valéria Floriano Machado. Suas influências me ajudaram a crescer não só enquanto estudante.

A Alessandro “coquinho”, companheiro de infância, de adolescência e de maioridade. Somente você para entender os caminhos tortuosos que tomei nestes mais de vinte e três anos de amizade. Há muito mais da minha infância nos dias de hoje do que nos dias em que ela se apresentava como “expressão natural” de um menino travesso, inquieto e...

A Ulf Gregor Baranow, que me ensinou muito com sua sabedoria e rigor metodológico.

À Desirée Maria que tanto ouviu minhas divagações e reclamações. Tenho a lhe dizer que elas continuam, mas em outros patamares.

A Frederico Tavares de Mello Abdalla pelas conversas inspiradoras que tivemos e que ainda temos na cantina da reitoria.

A Alexander João Guérios, companheiro de pesquisas e discussões polêmicas sobre o Movimento Estudantil na UFPR e sobre as tentativas de ascenso dos estudantes demagogos, principalmente os do curso de História.

À Marina G. J. Sem mais palavras.

A Fabrício Ribeiro Peixoto que muito me acompanhou nos primeiros anos de curso. Suas

idéias criativas e escandalosas me inspiraram muito.

A Fabrício Meira de Oliveira que muito me influenciou com sua criatividade e resistência aos ditames acadêmicos. Considero-te um exemplo de historiador desregrado, original e que explora ao máximo a capacidade – imaginação criadora – de narrar os fatos.

A todos companheiros que não aceitaram a traição ocorrida na greve estudantil de 2011. Espero que os “militantes” que traíram os trabalhadores e que ainda ficam arrotando as conquistas pequeno-burguesas e imediatistas reflitam e voltem a militar seriamente. Combaterei toda e qualquer forma de transformar a vergonhosa greve estudantil de 2011 em algo grandioso, vitorioso, enfim, uma mitologia.

Aos companheiros do reestruturado coletivo nacional de juventude *Barricadas fecham ruas, porém, abrem caminhos*. Acredito em vocês – mas em outros coletivos do M.E também – enquanto uma militância séria e combativa na universidade.

Por fim, agradeço de igual ou maior tamanho a todos meus ex companheiros de militância do Movimento *Hip Hop*. Atualmente, não sei o que fazem, por onde andam e o que pretendem, mas tenho a lhes dizer que os caminhos equivocados – que muito me entristecem, mas a volta é **sempre** mais radical – que andei tomando nos últimos oito anos me fizeram reivindicar muitas das nossas idéias iniciais e originais... Sei que os tempos são outros e que muitos mudaram de “empreitada”, mas estamos aí...

“Pelos irmãos e chegados somos considerados enquanto que por estes porcos somos escarrados. Aos que nos consideram obrigado pela força. Aos que nos sacaneiam eu direi só esta vez: E que se fodam vocês.” *Que se fodam vocês*, Câmbio Negro. Álbum: Sub-raça, 1993

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná, criada em 1969, no Departamento de História da UFPR; o recorte temporal é de 1972 a 1982. Para tanto, foram estudadas 03 dissertações de Mestrado produzidas no interior desta Linha de Pesquisa, publicações sobre o Mestrado em História da UFPR e algumas pessoas envolvidas. As três dissertações foram escolhidas mediante o critério de maior aproximação com o Objetivo do trabalho. Apesar de o Programa de Pós-Graduação em História da UFPR ter quase quatro décadas de existência, não há nenhum trabalho acadêmico que problematize a sua produção. Uma abordagem em torno da História Demográfica do Paraná traz a possibilidade de se estudar a(s) influência(s) de outras correntes historiográficas, à época, no Mestrado em História da UFPR, permite um estudo inédito não só acerca da produção historiográfica da Pós-Graduação, mas também de metodologias desenvolvidas especificamente para as fontes encontradas no Paraná. Por fim, este trabalho problematiza se houve ou não um paradigma da História Demográfica, tendo como referencial teórico as contribuições do filósofo e historiador das Ciências Thomas Kuhn.

Palavras-chave: História Demográfica; paradigma; História Regional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 CONTEXTO GERAL DO ENSINO SUPERIOR NO PARANÁ ENTRE 1912 A 1970....	12
2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	25
2.1 Construção da hipótese.....	25
2.2 Metodologia.....	28
3 HISTÓRIA DEMOGRÁFICA.....	30
3.1 História Demográfica na UFPR.....	31
3.2 Análise comparativa de três dissertações.....	37
3.3 Paradigma, orientação metodológica ou consenso metodológico?.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
Fontes.....	43
Bibliografia consultada.....	44

INTRODUÇÃO

A presente monografia foi motivada pelas experiências obtidas durante estudos sobre a história da UFPR e a partir de uma aproximação com a produção historiográfica do próprio Departamento de História da UFPR, entre os anos de 1972 a 1982. Estes dois fatos me ajudaram a construir, aos poucos, uma problematização que desembocou tanto no *métier* de historiador na época e no DEHIS-UFPR quanto da própria produção historiográfica. Seu objeto de análise é a Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná

As experiências obtidas no projeto de Extensão da *UFPR 100 anos* marcam o início da presente monografia. Nesta ocasião, pude conhecer pessoas e com elas aprender muitas coisas que ultrapassaram o ambiente acadêmico e que me balizam até hoje. Pude também ter contato com obras e produções em andamento acerca da UFPR, criando em mim todo um interesse em melhor conhecê-las. Datam deste período as diversas divagações que me tomavam o pensamento de assalto, gerando com isso toda uma inspiração que me rumava ao desconhecido – as obras ousadas, ingênuas e criativas de David Carneiro me foram muito sugestivas nesta fase.

Após um contato mais duradouro e reflexivo acerca da literatura da UFPR, comecei a ser atacado pelas minhas próprias problematizações que, por um lado me despertavam uma hilaridade, e por outro me despertavam a desconfiança. Esta última começou a alimentar o meu senso crítico sobre o papel social que UFPR desempenhou e desempenha até hoje. A pós isso, comecei a perceber que o culto à UFPR como símbolo de um feito grandioso da sociedade paranaense traz consigo o predomínio de todo um sistema de inculcação e dissimulação que dá sentido e coerência às obras comemorativas produzidas, aos montes, até hoje.

O projeto *Rumo aos 100 anos* me mostrou o tanto que a instituição UFPR é jovem e ruma aos anos da inseqüência e rebeldia, por exemplo, a fase da adolescência que está bem atrás da fase madura da sabedoria dos 100 anos. Contudo, foi em meio a tudo isso que eu comecei a construir o tema da presente monografia, inclusive me atendo bastante em historiadores que escreveram sobre a história da UFPR: Ana Maria Burmester, David Carneiro, Cecília Maria Westphalen e Ruy Cristovam Wachovicz.

O estudo sobre a UFPR possibilitou identificar alguns elementos do paradigma em História Demográfica que são anteriores a própria criação da Linha de Pesquisa em História Demográfica do

Paraná, por exemplo, a formação acadêmica das pessoas envolvidas (Altiva Pilatti Balhana, Cecília Maria Westphalen, Brasil Pinheiro Machado, Bento Munhoz da Rocha Netto) e a ênfase na História Regional desde o tempo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

A aproximação com a produção historiográfica do DEHIS-UFPR aconteceu a partir do momento que eu comecei a estudar a criação do Seminário de História, do Departamento de História e também algumas obras da ex professora Altiva Pilatti Balhana.¹ Estas obras, levando-se em conta as distâncias temporais, despertaram-me alguns questionamentos muito próximos da banalidade: por que a ênfase nos estudos populacionais e na História Regional? As respectivas respostas parecem óbvias e sem maiores aberturas, entretanto, elas me proporcionaram toda uma reflexão em torno das práticas historiográficas ou às de se fazer a História Demográfica até chegar ao objeto de análise da presente monografia, que é a Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná.

As produções em História Demográfica, assim como a formação em História Demográfica, apresentam toda uma permanência no uso de técnicas e metodologias específicas, sendo, em grande maioria, de origem francesa. A História Demográfica praticada no DEHIS-UFPR era o que se chamava de “Demografia Histórica” pelos franceses², tendo como característica o forte uso serial e quantitativo de fontes: listas nominativas de habitantes e registros paroquiais de batizados, casamentos e óbitos.

Para se chegar ao objetivo desta presente monografia foram selecionados e analisados os manuais de iniciação de época, atas, projetos de pesquisa, títulos das dissertações de mestrado entre 1972-1982, a importância da História Regional no DEHIS-UFPR e três dissertações de mestrado de Ana Maria Burmester de Oliveira, Maria Igenes Mancini de Boni e Mariza Budant Schaff³. Tudo isto

¹As obras em questão são: BALHANA, Altiva Pilatti. *Santa Felicidade: um processo de assimilação*. 1958. 286p. Curitiba; BALHANA, Altiva Pilatti. *Santa Felicidade: uma paróquia Vêneta no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural, 1978. 155p.; BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori : vol. I*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 424p.; BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori : vol. II*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 469p.; BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori, vol. III*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 514p.

²História Demográfica e Demografia Histórica não são, de fato, a mesma coisa, porém, não há uma preocupação nas fontes consultadas em definir cada área em separado. As igualações de uma com a outra acontecem seja nas dissertações de mestrado ou nas fontes consultadas. Para um melhor esclarecimento sobre as especificidades de cada área, ver as seguintes produções acadêmicas: COSTA, I.N. *Por uma definição de Demografia Histórica*. Boletim de História Demográfica, São Paulo, ano I, n. 2, julho de 1994.; COSTA, I.N. *Demografia Histórica ou História Demográfica? Uma nota sobre terminologia*. Boletim de História Demográfica, São Paulo, ano VI, n. 18, novembro de 1999.; COSTA, I.N. *Demografia Histórica: algumas observações*. Revista de História [24]; João Pessoa, jan./jun. 2011; HOLLINGSWORTH, T.H. *Uma conceituação de Demografia Histórica e as diferentes fontes utilizadas em seu estudo*. In: *DEMOGRAFIA histórica: orientações técnicas e metodológicas*. Maria Luiza Marcílio (org.). São Paulo: Pioneira, 1977. 261p., il. (Coleção novos umbrais).

³BONI, M.I.M. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes, 1765/1785*. Curitiba, 1974, 164p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná; SCHAFF, M.B. *A população*

tem o objetivo de identificar os elementos que constituem o paradigma em História Demográfica.

Para o objeto de análise, a Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná, as características que definem um paradigma (mesmo alinhamento metodológico, regras de pesquisa e solução de problemas etc.), segundo Thomas Kuhn, aparecem e o são praticadas, independente de os indivíduos envolvidos perceberem. Ao longo da pesquisa, e com base no referencial teórico usado, dá para se dizer que houve um paradigma da História Demográfica no Paraná antes mesmo da criação do mestrado. A iniciação e a inserção de alguns membros envolvidos no paradigma, e que depois viraram professores do Departamento de História, mais a produção historiográfica entre 1972 a 1982, demonstram que havia sim um paradigma ou uma orientação metodológica. Inclusive, foram desenvolvidas metodologias específicas para o tratamento de dados acerca da História Regional.

Apesar de o Programa de Pós-Graduação em História da UFPR ter quase quatro décadas de existência, não há nenhum trabalho acadêmico que problematize a sua criação e produção. Uma abordagem em torno da História Demográfica do Paraná traz a possibilidade de se estudar a(s) influência(s) de outras correntes historiográficas, à época, no Mestrado em História da UFPR, permite um estudo inédito não só acerca da produção historiográfica da Pós-Graduação, mas também de metodologias desenvolvidas especificamente para as fontes encontradas no Paraná: listas nominativas de habitantes e registros paroquiais de batizados, casamentos e óbitos. Mostrar que a história do DEHIS-UFPR está também em sua própria produção historiográfica – falo aqui não só nas dissertações de mestrado e nas teses de doutoramento, mas também nas produções técnicas diversas e nas monográficas que até agora não foram estudadas a fundo –, ainda mais para outros historiadores, beira à ignorância ou à subestimação de meus pares, contudo, não é esta a minha intenção.

A presente monografia está organizada em três capítulos a seguir: o primeiro consiste em expor a criação da Universidade do Paraná até a criação do Departamento de História, passando pela criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná e pela criação do curso de Geografia e História; o segundo consiste em abordar, teoricamente, a construção da metodologia usada; e o terceiro aborda, brevemente, a História Demográfica na UFPR e a análise das três dissertações para se testar a hipótese e chegar à conclusão referida mais acima.

da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes – 1786/1799. Curitiba, 1974, 165p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná; BURMESTER, A.M.O. *A população de Curitiba no século XVIII – 1751/1800, segundo os registros paroquiais.* Curitiba, 1974, 107p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná

1 CONTEXTO GERAL DO ENSINO SUPERIOR NO PARANÁ ENTRE 1912 A 1968

Universidade do Paraná.

A iniciativa de se criar a Universidade do Paraná não foi unânime para a sociedade curitibana do início do século XX. Muitos viam tal empreitada como algo inusitado ou até mesmo como algo nocivo aos jovens da época. A elite “campeira” tinha outros meios para formar a sua estirpe: universidades na Argentina e no Uruguai ou em outras capitais do Brasil.⁴ A importância e criação de uma universidade como símbolo máximo da sociedade paranaense não estava consolidada, por mais que a capital paranaense estivesse passando por grandes transformações sociais e econômicas – a atividade ervateira era o chamado “ciclo econômico” da época.⁵

Uma universidade na capital paranaense poderia significar a emancipação política, cultural e científica para alguns e, para outros, mais um fracasso, pois, em 1892, Rocha Pombo ficara incumbido de fundar uma Universidade no Paraná: a pedra fundamental foi o feito máximo desta incumbência.⁶ A demanda por profissionais especializados (farmacêuticos, médicos, engenheiros, advogados, contabilistas) era existente muito antes da criação da Universidade do Paraná, mas a transformação desta demanda em um projeto de universidade era a expressão de apenas uma parte da elite local da época.

A publicação, em 05 de abril de 1911, através do Decreto 8.659⁷, mais conhecido como “Lei Rivadávia”, que aprovou a lei orgânica do Ensino Superior e do Ensino Fundamental na República, que autorizava a livre criação de instituições educativas no Brasil trouxe novamente a possibilidade de se criar uma universidade na capital paranaense. A discussão acerca da criação da Universidade do Paraná começou a ganhar simpatizantes, por exemplo, o apoio do então Presidente do Estado do

⁴WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Universidade do Mate: história da UFPR*. 2º ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. 222p. il. p. 45

⁵WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *História do Paraná*, Curitiba: Gráfica Vicentina, 6 edição, 1988.; COSTA, Samuel Guimarães da. *A Erva-Mate*. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

⁶CARNEIRO, David. *Educação, universidade e história da primeira universidade do Brasil*. Curitiba: Imprensa da UFPR, 1971. 204 p. il. p. 108-115

⁷Uma discussão mais profunda acerca deste Decreto encontra-se no seguinte artigo: CURY, C.R.J. *A desoficialização do ensino no Brasil: a Reforma Rivadávia*. Educação & Sociedade (impresso), v. 30, p. 717-738, 2009.

Paraná, Carlos Cavalcanti e, aos poucos, o apoio de mais e mais membros da elite local. Contudo, o fantasma do fracasso da tentativa de Rocha Pombo era presente, mas desta vez os entusiastas da universidade tinham condições objetivas mais favoráveis: apoios de políticos do Estado, grande parte da elite local era favorável e uma Lei Federal que autorizava a livre criação de instituições educativas no Brasil.

A ideia de modernizar o Paraná – mais especificamente, a capital paranaense – se materializou com grandes reformas urbanas inspiradas na Europa da época: construção de novos prédios, alargamento das ruas, inauguração do bonde elétrico. As transformações do espaço urbano casavam-se bem com a ideia de uma universidade. Entretanto, tal ideia ainda estava restrita a poucos membros da elite local. A emancipação intelectual, artística, cultural e científica era uma tarefa que somente uma universidade poderia realizar. Neste sentido, a *Universidade do Mate* teria um papel civilizador para além da mera formação da elite local.

Embora estivessem atrás do mesmo objetivo, havia toda uma diferença/disputa entre aqueles que queriam criar uma universidade na capital paranaense: Nilo Cairo e Vítor Ferreira do Amaral pertenciam a iniciativas diferentes.⁸ Vítor Ferreira do Amaral foi designado o presidente da Comissão organizadora para a criação da Universidade do Paraná por ser mais habilidoso, administrativa e politicamente. Ao fim, Nilo Cairo e Vítor Ferreira do Amaral se somaram em prol da criação da Universidade do Paraná. Vale ressaltar que ambos pertenciam ou tinham ligações com a elite local, logo, suas distintas concepções de universidade não chegavam ao ponto de se tornar excludentes ou de revelar um antagonismo de classe.

Depois de toda uma diferença/disputa de concepção de universidade e mais o trabalho de convencer a sociedade – parte restrita e favorecida – que a criação de uma universidade era vantajosa e possível veio a parte de, efetivamente, criar a universidade. E esta criação esteve envolta a diversos fatores políticos, culturais e econômicos, pois a universidade deveria ter várias tarefas dentro da concepção vigente na época: formar as elites locais, ser o símbolo da emancipação intelectual, artística e científica do Paraná e garantir profissionais técnicos capacitados. Enfim, a missão da universidade expressava as ideias e necessidades de uma classe social dominante – a burguesia industrial ervateira.

Depois de uma tentativa frustrada no século XIX, mais alguns embates entre grupos que almejavam uma universidade na capital paranaense, veio a criação da Universidade do Paraná em 19 de dezembro de 1912⁹, e com os seguintes cursos: Ciências Jurídicas, Engenharia Civil,

⁸CAMPOS, Nívio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)*. Curitiba: Ed. UFPR, 2008. 258p. p. 74

⁹A data de criação reforça toda uma necessidade de afirmação que vem desde a emancipação política, lá em 1853. A criação de uma universidade tinha a intenção de afirmar, desta vez, a emancipação intelectual da Província do Paraná.

Engenharia Mecânica e Eletricidade, Engenharia Industrial, Agronomia, Medicina Veterinária e Cirurgia, Comércio e demais cursos preparatórios. O ano letivo começou em 15 de março de 1913¹⁰ com os cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia Civil, Farmácia, Odontologia, Obstetrícia e Comércio¹¹, tendo como sede o prédio da rua Comendador Araújo, atual nº 42. O curso de Medicina e Cirurgia só iniciou suas atividades na Universidade do Paraná em 1914.

Em 1913 foi lançada a pedra fundamental na Praça Santos Andrade, bem no lugar onde seria construído o prédio da Universidade do Paraná, e que concentraria todos os cursos. No ano seguinte – 1914 – e em condições inusitadas, a ocupação e a utilização do novo prédio se deram através de uma manifestação estudantil, pois o prédio situado à rua Comendador Araújo, nº 42, não mais garantia o funcionamento de atividades: salas de aula, laboratórios, administração etc., estavam em condições precárias. A manifestação estudantil, que ocasionou a mudança de prédio, foi descrita por um jornal local como um espetáculo pitoresco, pois os alunos saíram em uma longa fila indiana, com o mobiliário na cabeça e passando por diversas ruas da capital até chegar ao novo prédio da Praça Santos Andrade.¹² Vale ressaltar que as obras de construção do prédio da Praça Santos Andrade não estavam concluídas, gerando também uma situação de precariedade para os alunos, professores e funcionários que passaram a ocupar o novo prédio. As tão denunciadas condições precárias não foram sanadas de imediato pelo simples fato que o prédio ocupado estava, ainda, em fase de construção. Contudo, os espaços e instalações do novo prédio garantiam um melhor funcionamento das atividades acadêmicas.

Um ano depois, em 1915, novamente os estudantes se organizaram, formando, desta vez, o primeiro movimento paredista – grevista – da história da Universidade do Paraná. Os alunos exigiam férias escolares no mês de junho – férias de São João –, como já acontecia em algumas instituições de ensino superior de São Paulo. O então reitor da universidade, Vitor Ferreira do Amaral, não aceitou a exigência dos alunos, alegando motivos estatutários e de fiscalização por parte do governo federal, mas como alguns cursos estavam organizados, a greve foi instaurada, em partes, mesmo assim.¹³ Mas não foi só a greve estudantil que abalou a Universidade do Paraná neste período, outros fatores colocaram em xeque toda a expectativa e confiança que a “sociedade” depositava na universidade, por exemplo, a Faculdade de Medicina não tinha como pagar os professores¹⁴, porém, as atividades acadêmicas continuaram. A falta de professores qualificados era

¹⁰Logo após o início do ano letivo, o governo do Estado reconheceu oficialmente a Universidade do Paraná através da Lei nº 1284, de 27 de março de 1913.

¹¹WESTPHALEN, Cecília Maria. *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná: 50 anos*. Curitiba: SPBH-PR, 1988. 164p. p. 16

¹²WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Universidade do Mate: história da UFPR*. 2º ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. 222p. il. p. 67

¹³Idem, pp. 137-138

¹⁴COSTA, Iseu Affonso da; LIMA, Eduardo Corrêa (orgs.). *O ensino da medicina na Universidade Federal do*

um problema corrente, pois havia poucas instituições de ensino superior no Brasil, restando apenas a opção de se buscar profissionais qualificados fora do país. Opção esta que gerava mais gastos.

Mesmo passando por um período difícil, neste mesmo ano de 1915 foi promulgado o Decreto nº 11.530 de 18 de março¹⁵, mais conhecido como “Lei Maximiliano”, que colocava em situação irregular a Universidade do Paraná. A saída para atender às exigências do governo federal foi a de dividir a universidade em três faculdades: Faculdade de Direito, Faculdade de Engenharia e Faculdade de Medicina.¹⁶ A direção central das três faculdades continuou sob a égide de Vitor Ferreira do Amaral. Somente em 1918 que, de fato e não só estatutariamente, que a Universidade do Paraná foi desmembrada.¹⁷

Os anos que se passaram, após a divisão em três faculdades, foram muito complicados para a extinta ou desmembrada Universidade do Paraná. Foram quase três décadas de situações delicadas que quase a levaram ao fechamento: em 1924, a turma do curso de Engenharia contou com apenas um aluno¹⁸, e diversos fatores que vão desde os altos custos da mensalidade até a falta de procura ou a concorrência de outras universidades de São Paulo e Rio de Janeiro somaram-se para fragilizar ainda mais o andamento da universidade.

Mesmo assim, outras Faculdades ou Escolas surgiram no Paraná neste período¹⁹, demonstrando que a necessidade de profissionais qualificados para o momento de desenvolvimento que o Paraná estava passando era muito maior que a crise nas instituições de ensino superior. Somente em 1946, através do Decreto-Lei nº 9.323 de 06 de junho²⁰, a Universidade do Paraná foi restaurada, tendo Vitor Ferreira do Amaral como reitor, simbolicamente.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná foi criada em 26 de fevereiro de 1938, sendo de iniciativa privada e mantida pela ordem dos irmãos maristas. Contava com os seguintes

Paraná. 02 ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. 362p.: il. p. 105

¹⁵<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11530-18-marco-1915-522019-republicacao-97760-pe.html> acesso em 15 de novembro de 2011.

¹⁶CARNEIRO, David. *Educação, universidade e história da primeira universidade do Brasil*. Curitiba: Imprensa da UFPR, 1971. 204 p. il. p. 170

¹⁷WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Universidade do Mate: história da UFPR*. 2º ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. 222p. il. p. 104

¹⁸PUPPI, Ildefonso C. *Fatos e reminiscências da Faculdade*. Curitiba: UFPR, 1986. 196p. il. p. 25

¹⁹Criação da Escola Agrônômica do Paraná, em 1918; criação da Escola de Química, em 1924; criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná, em 1933; criação da Escola Superior de Veterinária do Paraná, em 1934; criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, em 1938; criação da Escola de Educação Física e Desportos do Paraná, em 1939; instalação da Faculdade de Administração e Finanças do Paraná anexa à Faculdade de Direito do Paraná, em 1945.

²⁰<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-9323-6-junho-1946-417411-publicacaooriginal-1-pe.html> acesso em 15 de novembro de 2011

curso: Filosofia, Ciências Químicas, Geografia e História, Ciências Sociais e Políticas e o curso superior de Educação.²¹ Contava também com uma organização estudantil, o Centro Acadêmico de Filosofia. O processo de constituição da FFCLP foi coordenado pelo grupo católico que se reunia no Círculo de Estudos Bandeirantes desde meados da década de 1920.²² Esta iniciativa de se criar a FFCLP pode ser entendida como uma reação católica aos anticlericais: anarquistas, comunistas, sindicalistas, positivistas, socialistas. O projeto do grupo dos anticlericais entrava em choque com o dos católicos, já que ambos, mas de maneira oposta, queriam disputar a formação da juventude e da intelectualidade curitibana.²³ A intelectualidade católica neste período que vai da década de 1920 até a criação da FFCLP era bastante organizada e inserida em diversos meios considerados culturais (revistas, clubes), sendo também uma parte considerável da elite local.

A FFCLP não gerava concorrência com a Universidade do Paraná porque as duas não ofereciam os mesmos cursos. A área de Humanidades era abordada pelas duas instituições – a Universidade do Paraná não tinha nenhum curso de Humanidades ou de Licenciatura, porém, tinha uma abordagem voltada também às Humanidades em seus cursos: um estudante do curso de Direito, Engenharia, Medicina, Odontologia, Farmácia etc., tinha uma formação, de maneira enciclopédica, sobre as Humanidades e também da cultura ocidental européia aos moldes do que era ensinado na FFCLP –, mas somente a FFCLP oferecia graduações em cursos de Humanidades e de Licenciatura.

O currículo, na época destes cursos – tanto para FFCLP quanto para a Universidade do Paraná – não se restringia apenas a um aprendizado técnico. A universidade²⁴ tinha a função de formar também as elites locais nos campos da ciência aplicada, das artes, da cultura. A FFCLP estava, assim como a Universidade do Paraná, com a missão de promover o desenvolvimento “pleno” na capital paranaense. No caso específico da FFCLP, havia também toda uma articulação vinda de grupos católicos com intuito de barrar ou ao menos diminuir a influência de uma elite intelectual dita anticlerical.²⁵

Em 1939, depois de aprovados os estatutos adaptados ao Decreto-Lei nº 1.190/39, a FFCLP, após a lavratura de contrato de manutenção pelos Irmãos Maristas, passou a oferecer os seguintes

²¹WESTPHALEN, Cecília Maria. *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná: 50 anos*. Curitiba: SPBH-PR, 1988. 164p. p. 20

²²CAMPOS, Névio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)*. Curitiba: Ed. UFPR, 2008. 258p. p. 133

²³CAMPOS, Névio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)*. Curitiba: Ed. UFPR, 2008. 258p. p. 134

²⁴Outras instituições de ensino superior (Escola de Agronomia, Escola de Química, Escola de Educação Física e Desportos do Paraná superior etc.) não são mencionadas nesta monografia.

²⁵David Carneiro e demais intelectuais ligados ao *Centro de Letras do Paraná* eram considerados anticlericais, positivistas, humanistas materialistas etc. David Carneiro escreveu duas obras, em 1935, bem polêmicas, *Marcha do ateísmo* e *Ensaio de interpretações morais*, ambas baseadas na doutrina positivista.

curso: Filosofia, Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-germânicas e Pedagogia.²⁶ Em 1940, pelo Decreto nº 5.756, de 04 junho do mesmo ano, foram reconhecidos pelo Governo Federal, os cursos de Filosofia, Química, Geografia e História, Ciências Sociais e Pedagogia.²⁷ Em 1941, foram criados os cursos de Matemática, Letras Clássicas, Letras Neo-Latinas, Letras Anglo-Saxônicas, Física e História Natural.

Mesmo sendo recebida com entusiasmo pelos meios influentes e intelectuais de Curitiba, mais a força dos grupos católicos, o Interventor Manoel Ribas não reconheceu a FFCLP, assim como retirou suas instalações do prédio do Congresso Legislativo Estadual, na Praça Eufrásio Correa. Suas instalações variaram bastante, passando pelo Círculo de Estudos Bandeirantes, depois no Edifício dos Irmãos Maristas até se garantir, de fato, em um dos prédios do Complexo da reitoria.

A FFCLP era uma instituição criada e mantida pela elite local mais a participação de grupos católicos influentes, tendo toda uma importância na formação de professores para o magistério e também para a pesquisa aplicada. Para que a ex Universidade do Paraná voltasse a ser uma universidade era necessário que ela tivesse uma Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras em seu interior. É neste contexto que a incorporação da FFCLP à Universidade do Paraná acontece em 1946.

Curso de História e Geografia.

O curso de História e Geografia foi criado na FFCLP (Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras do Paraná), tendo sua aula inaugural ministrada pelo professor Padre Jesus Ballarin, em 3 de maio de 1938. O curso tinha uma grade dividida em três anos e com as seguintes disciplinas: 1º ano: Geografia Física, Geografia Humana, Antropologia, História Antiga, História Medieval; 2º ano: Geografia Física, Geografia Humana, História Moderna, História do Brasil e Etnografia; 3º ano: Geografia do Brasil, História Contemporânea, História do Brasil, História da América e Etnografia do Brasil.

O corpo docente do curso era formado pelos seguintes professores: Francisco Gonzalez Villanueva, professor de Geografia Física; José Nicolau dos Santos, professor de Geografia Humana; Arthur Martins Franco, professor de Geografia do Brasil; Homero Batista de Barros, professor de História Antiga e Medieval; José Farani Mansur Guérios, professor de História

²⁶WESTPHALEN, Cecília Maria. *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná: 50 anos*. Curitiba: SPBH-PR, 1988. 164p. p. 23

²⁷WESTPHALEN, Cecília Maria. *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná: 50 anos*. Curitiba: SPBH-PR, 1988. 164p. p. 26

Moderna e Contemporânea; Brasil Pinheiro Machado, professor de História do Brasil; Bento Munhoz da Rocha, professor de História da América; José Loureiro de Ascensão Fernandes, professor de Antropologia, Etnografia Geral e Etnografia Brasileira; Máximo Pinheiro Lima, professor de Antropologia; Joaquim de Matos Barreto, professor de Psicologia Educacional; Francisco Gomes Ribeiro, professor de Administração Escolar e Educação Comparada; Hostílio César de Sousa Araújo, professor de Didática Geral e Especial; Lauro Esmanhoto, professor de Administração Escolar e Educação Comparada; Osvaldo Piloto, professor de Estatística Educacional; Liguaru Espírito Santo, professor de História da Educação e Filosofia da Educação.

Na grade curricular era oferecido o diploma de bacharel, e o diploma de licenciatura era oferecido após a conclusão do curso de Didática, de aproximadamente mais um ano.²⁸ Obrigatoriamente, o diploma de bacharel era sempre o primeiro, sendo o de licenciatura facultativo; isto é bem diferente da dicotomia bacharelado X licenciatura, que gera dois cursos de História por entender que as duas habilitações não cabem no mesmo curso. Desde sua criação, o curso de História e Geografia estava comprometido com o ensino e a pesquisa, por mais que a opção de licenciatura fosse facultativa. As pesquisas realizadas à época, e no que diz respeito à História, eram sobre a História da Humanidade européia e História Regional. O fato de haver cadeiras em História do Brasil, da América, do Paraná e de Etnografia do Brasil não excluía a visão europeizante e colonizadora da época.

A incorporação da FFCLP à Universidade do Paraná, em 1946, não alterou o curso de História e Geografia, que continuou funcionando no mesmo lugar. A primeira mudança significativa veio em 1951, após a federalização da Universidade do Paraná, quando foi criado um grupo de Assistentes do quadro Extraordinário do curso, a seguir: Altiva Pilati Balhana, professora de História da América; Áurea de Paula Soares, professora de História da Antiguidade e da Idade Média; Carlete F.S.L. Pacheco, professora de Geografia do Brasil; Cecília Maria Westphalen, professora de História Moderna e Contemporânea; Hygina Geny Ricoy Caron, professora de Geografia Física; João Pires Braga, professor de História do Brasil; Maria Carolina Rodrigues de Paula. Professora de História da Antiguidade e da Idade Média; Salua Elias, professora de Etnografia do Brasil; Walkyria Martins, professora de Geografia Humana.²⁹

Anos se passaram, assim como também ocorreram várias mudanças no curso, por exemplo, mudança de instalações físicas e incorporação à outra universidade, mas a união entre os dois cursos permanecia. Houve tentativas de se separar os cursos em 1955 e também em 1959, porém, sem êxito. Os professores voltados à área de História passaram a reivindicar o desmembramento do

²⁸MOELLER, Alda Aracy; MARANHÃO, Eny de Camargo. *Histórico do curso de Geografia: 50 anos; 1938-1988*. Curitiba: Imprensa Universitária da UFPR, 2002. 172p. p.15

²⁹Idem, p.22

curso de História e Geografia, pois ambas as áreas tinham crescido e estabelecido as suas respectivas prioridades e linhas de estudo, sendo cada vez mais inviável a permanência de dois cursos em um só, e com objetivos diferentes.

O surgimento do Seminário de História, em 1959, aprofundou ainda mais as diferenças entre os dois cursos. Os Estudos Populacionais e a História Regional eram temas priorizados entre os professores voltados mais à História. Entre os professores voltados mais à Geografia, os temas diziam respeito à formação geográfica do Paraná, mapeamento geológico etc.

A lei federal nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, onde o curso de Geografia e História foi, de fato, desmembrado.³⁰ Entretanto, e de acordo as sucessivas mudanças nas grades curriculares dos dois cursos, alguns alunos saíram formados em Geografia e História até o ano de 1964. Por este motivo, pode-se considerar que o curso de História funcionou em conjunto com o de Geografia até 1964.

Após o curso de Geografia ter alcançado a sua autonomia, depois veio outro problema e parecido com a junção dos cursos de Geografia e História: era a vez de o curso de Geologia pedir o seu desmembramento do curso de Geografia. Embora a UFPR tenha ofertado o vestibular do curso de Geografia e Geologia em 1971, somente em 1972 é que o curso foi criado oficialmente, tendo suas aulas iniciadas em 1973.³¹

Federalização da Universidade do Paraná.

A Universidade do Paraná, após a sua restauração em 1946, começou a crescer e ganhar novamente importância no cenário político da capital paranaense. Flávio Suplicy de Lacerda, que assumiu a reitoria da universidade, em agosto de 1949, foi um dos mais atuantes na campanha pela federalização da Universidade do Paraná. Várias articulações foram feitas com o Governo Federal a fim de se obter a tão almejada federalização, por exemplo, o lançamento da campanha pela federalização, em 19 de dezembro de 1949. A importância da universidade – que passou a contar com quatro Faculdades e/ou Escolas em seu interior³² – e a forte construção dela como símbolo do Paraná garantiram uma adesão da sociedade paranaense – a elite local – que após mais de três décadas de funcionamento da Universidade do Paraná via as contribuições geradas para o “desenvolvimento” material, artístico, intelectual e político. Contudo, a universidade permanecia distante para os setores da sociedade paranaense que não pertenciam às elites locais.³³

³⁰Idem, p.28

³¹NADALIN, R.J et al. *Geologia na Universidade Federal do Paraná: uma história traçada para o futuro*. Curitiba: Edição dos autores, 2008. 196p. il. p.33

³²Faculdade Direito, Faculdade de Engenharia, Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras do Paraná, Faculdade de Administração e Finanças do Paraná,

³³Um exemplo disso pode ser encontrado nas seguintes obras: COSTA, Iseu Affonso da; LIMA, Eduardo

A campanha pela federalização ganhou maiores proporções no ano posterior, quando foi nomeada uma comissão para contactar o presidente da República, e com a seguinte composição: Governador Moysés Lupion, Flávio Suplicy de Lacerda, diretores das Faculdades e Institutos e os presidentes dos Diretórios e Centros Estudantis.³⁴

Passado pouco mais de um ano como reitor da Universidade do Paraná, Flávio Suplicy de Lacerda, mais o Diretor da FFCLP, professor José Loureiro Fernandes, além de vários outros professores que viam na federalização uma possibilidade de progressão na carreira docente e também uma visibilidade política, propagaram a campanha pela federalização para além da universidade, conseguindo mobilizar uma parte da sociedade paranaense que ultrapassava a elite local estabelecida, por exemplo, meios artísticos e intelectuais, sociedades técnico-científicas e a categoria de professores do magistério.

Em 4 de dezembro de 1950, através da Lei nº 1.254, assinada pelo Presidente da República Eurico Gaspar Dutra e pelo Ministro da Educação Pedro Calmon, a Universidade do Paraná era federalizada, e composta pelas seguintes Faculdades: Direito, Engenharia, Medicina, Ciências Econômicas e Filosofia, Ciências e Letras.³⁵ Até a federalização, a Universidade do Paraná era uma instituição privada, e com cobrança de mensalidade, contudo, não era a mensalidade somente que restringia o acesso. As famílias influentes estavam inseridas nos mais diversos cargos da Universidade do Paraná – corpo docente, administração –, fazendo disso um mecanismo de permanência e privilégios a si mesmas. As cátedras vitalícias, agora pagas pelo governo federal, não eram ocupadas por qualquer um – a origem e o prestígio sociais eram fatores condicionantes para ocupá-las.

Mesmo após a federalização, a mudança de nome da universidade só ocorreu em 1965, quando a Lei federal nº 4.759 de 20 de agosto mudou o nome da Universidade do Paraná para *Universidade Federal do Paraná*.³⁶ Algumas construções da UFPR trazem consigo até hoje o antigo nome, por exemplo, o complexo da reitoria, que ainda consta na parte externa a nomenclatura Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná, o prédio Histórico da Praça Santos Andrade, que ainda consta a mesma nomenclatura na faixa da Universidade do Paraná, e o

Corrêa (orgs.). *O ensino da medicina na Universidade Federal do Paraná*. 02 ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. 362p.: il.; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Universidade Federal do Paraná: 75 anos*. Curitiba: SBPH-Pr, 1987. 116p. Em ambas, há toda uma listagem de pessoas que se formaram na UFPR – cada qual com um recorte temporal diferente –, e a permanência de certas famílias mostra bem a quem a universidade ou faculdades servia.

³⁴WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Universidade do Mate: história da UFPR*. 2º ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. 222p. il. p. 148

³⁵WESTPHALEN, Cecília Maria. *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná: 50 anos*. Curitiba: SPBH-PR, 1988. 164p. p. 35

³⁶DONI FILHO, Luis. *História da Escola Agrônômica do Paraná*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995. 150p. il. p. 124, rodapé 27

Hospital de Clínicas, que ainda consta a nomenclatura de Hospital de Clínicas da Universidade do Paraná.

Criação do Departamento de História.

As disciplinas de História já eram lecionadas desde a primeira fase da Universidade do Paraná, e depois, com a criação da FFCLP, estas disciplinas, mas não somente, formavam outros cursos: Geografia e História, Ciências Sociais, Filosofia etc. O Departamento de Ciências da FFCLP agregava as disciplinas de Humanidades e também as de Exatas.

Após vinte um anos da criação do curso de Geografia e História, em 1959, é dada uma primeira iniciativa voltada mais a área de História: O surgimento do Seminário de História. Esta iniciativa aparece comumente na bibliografia que trata do assunto como sendo entusiasta a professora Cecília Maria Westphalen.³⁷ Outros professores do curso³⁸, e que desde a criação da FFCLP estavam envolvidos com o ensino e a pesquisa de História são simplesmente ocultados enquanto protagonistas da criação do DEHIS. Conforme o prefácio de um trabalho monográfico de Altiva Pilatti Balhana – concluído antes da criação do DEHIS-UFPR –, os professores Bento Munhoz da Rocha e José Loureiro Fernandes, ambos catedráticos, já eram destacados em outras áreas abordadas pelo curso de Geografia e História: Antropologia, Etnografia.³⁹

O primeiro Seminário de História apresentado foi o do professor Brasil Pinheiro Machado, tendo como tema a obra *História do Paraná*, de Romário Martins.⁴⁰ A História do Paraná ou regional, mediante uma crítica das fontes, análise de métodos e técnicas de trabalho era um dos objetivos do Seminário de História, assim como a interdisciplinaridade, o fomento à pesquisa, a promoção da participação de alunos. Nesta época, já se encontrava uma influência da historiografia francesa conhecida como Escola dos *Annales*. Os chamados *Estudos Populacionais* estavam começando a ganhar maior destaque desde a década de 1950, tendo como inspiração as contribuições da Demografia Histórica francesa, que abria todo um caminho para novas pesquisas a partir de suas técnicas e metodologias específicas para as fontes encontradas no Paraná: listas nominativas de habitantes e registros paroquiais de batizados, casamentos e óbitos.

Em 1960 foi criado e regulamentado, pelo Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, Homero Batista de Barros, o Departamento de História –

³⁷SIQUEIRA, M.T.A.D. UFPR *Departamento de História. DEHIS: 30 anos de História*. Boletim 32, ago. 1995. p.17

³⁸Brasil Pinheiro Machado, Bento Munhoz da Rocha, Homero Batista de Barros, José Loureiro Fernandes contribuíram para o curso de Geografia e História antes e depois da criação do Departamento de História da UFPR. Os três primeiros ocuparam cargos da administração da universidade.

³⁹BALHANA, Altiva Pilatti. *Santa Felicidade: um processo de assimilação*. 1958. 286p. Curitiba. pp. 5-6

⁴⁰SIQUEIRA, M.T.A.D. UFPR *Departamento de História. DEHIS: 30 anos de História*. Boletim 32, ago. 1995. p.19

DEHIS. Os professores Bento Munhoz da Rocha Neto, Brasil Pinheiro Machado, Homero de Batista de Barros⁴¹ e Cecília Maria Westphalen eram catedráticos, e a professora Altiva Pilatti Balhana era docente-livre. Outros professores, voltados mais à área de Geografia, também participaram tanto do Seminário de História quanto do DEHIS. Havia também espaços e acervos (livros, revistas) próprios para os alunos e professores.

O curso de Geografia e História permaneceu após a criação do DEHIS; a interação entre os professores que dividiam o mesmo curso não aparece – pelo menos não em publicações dos dois cursos envolvidos – em nenhum outro trabalho acadêmico. O que se sabe é que a parte voltada mais à Geografia tinha também como foco os alunos de graduação⁴², assim como também o era um dos objetivos do DEHIS, ou seja, os alunos de graduação tinham aulas com os mesmos professores que os preparavam para caminhos distantes: estudos populacionais e História regional de um lado, e de outro, os estudos sobre a formação geográfica e geológica do Paraná.

Pós-Graduação na UFPR.

As mudanças ocorridas após a reforma universitária de 1968 não alteraram muito a pesquisa na UFPR, porém, houve um atrelamento entre estas pesquisas desenvolvidas e as pós-graduações.⁴³ Desde a década de 1950, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná fomentava e financiava pesquisas através de documentários, por exemplo, registros cinematográficos sobre as Congadas da Lapa, os índios Xetás, cestaria de vime e a indústria caseira de Santa Felicidade, escavações em sítios arqueológicos.⁴⁴

O primeiro curso de pós-graduação, *strictu sensu*, a ser criado foi o Mestrado em Bioquímica, em 1965. Depois, o Mestrado em Entomologia e o Mestrado em Genética, em 1969; Mestrado em Ciências geodésicas, em 1971; Mestrado em História e o Mestrado em Engenharia Florestal, em 1972; Mestrado em Letras, em Educação, em Cardiologia, em Pediatria, em Estomatologia e em Zoologia, todos em 1974.⁴⁵ Década a dentro, foram criados mais cursos de pós-graduação, inclusive os de doutorado: Bioquímica e Entomologia começaram a funcionar em 1974. A criação de uma Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa aconteceu em 1974, quando a Pós-Graduação na UFPR havia atingido um número significativo se comparado a outras universidades do Brasil. O

⁴¹Na FFCLP não havia uma divisão muito exata entre os professores de um curso ou de outro; antes da criação dos Departamentos, um professor podia ser de vários cursos, por exemplo, Filosofia, Letras etc. Somente com muita ressalva se pode dizer que um professor é só do curso de História, pois não havia esta divisão exata na própria Faculdade.

⁴²Para maiores informações: MOELLER, Alda Aracy; MARANHÃO, Eny de Camargo. *Histórico do curso de Geografia: 50 anos; 1938-1988*. Curitiba: Imprensa Universitária da UFPR, 2002. 172p.

⁴³UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. *Rumos da Pesquisa: uma história pesquisa e pós-graduação na UFPR*. Curitiba: UFPR, 1998. 163p. p. 96

⁴⁴Idem, p. 62

⁴⁵WESTPHALEN, Cecília Maria. *Universidade Federal do Paraná: 75 anos*. Curitiba: SBPH, 1987. 116. p. 69

alinhamento político e ideológico que a UFPR tinha com a ditadura militar não é algo a ser ignorado, pois isso garantia todo um privilégio e repasses de verba para a universidade com o objetivo de criar e ampliar a Pós-Graduação.

Reforma Universitária de 1968.

A partir da segunda metade da década de 1960, a UFPR começou a passar por mudanças estruturais na organização do ensino, principalmente no que diz respeito à Pós-Graduação. A reforma universitária de 1968 propiciou a criação de centros regionais de pós-graduação. Na UFPR, o Reitor Flávio Suplicy de Lacerda ficou responsável de implantar o novo Decreto baixado pelo Governo Federal.⁴⁶ Vários cursos de pós-graduação, ao nível de mestrado, foram criados a partir deste período de 1968.

Outras mudanças também ocorreram com a reforma de 1968: fim das cátedras vitalícias; modernização organizacional das unidades de ensino, agora divididas em Institutos e Faculdades, no caso da UFPR; introdução, definitiva, do regime departamental; progressão docente condicionada à titulação acadêmica; adoção do regime semestral para a totalidade das disciplinas; mudança do exame vestibular, vindo a ser único e unificado, que de eliminatório passou a ser classificatório, garantindo, com isso, uma “expansão” do público alvo no ensino superior; representação estudantil reduzida.

O movimento estudantil também passou por diversas mudanças na reforma de 1968. A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi extinta pelo governo federal através do Decreto 4.464/64. Depois, e gradativamente no decorrer da década de 1960 e também da de 1970, cada vez mais o movimento estudantil foi colocado na ilegalidade: retaliação de organizações estudantis; fechamento de Centros Acadêmicos; punições pesadas aos estudantes envolvidos em atividades ditas “subversivas e até perseguições e agressões físicas. Na UFPR e em outras universidades federais funcionava uma unidade chamada *Assessoria de Segurança Interna*, ligada diretamente ao DOPS – Departamento de Ordem Política e Social. Infelizmente, a administração da UFPR eliminou os arquivos referentes a esta unidade repressora, restando apenas registros (jornais, atas, circular interno, *charge*, denúncia por parte dos estudantes, ofícios) nos arquivos do DCE-UFPR ou através de relatos das vítimas, seja estudante, professor ou técnico-administrativo.

Pós-Graduação em História na UFPR.

O Programa de Pós-Graduação em história da Universidade Federal do Paraná, ao nível de mestrado, foi criado em 1972, por Resolução nº 2/72, de 28 de janeiro de 1972, do Conselho

⁴⁶ WESTPHALEN, Cecília Maria. *Universidade Federal do Paraná: 75 anos*. Curitiba: SBPH, 1987. 116. p. 67

Universitário, autorizando o Mestrado em História do Brasil, opções de História Demográfica e de História Econômica, tendo seu funcionamento a partir do ano letivo de 1972/73.⁴⁷ Foi credenciado pelo parecer nº 0688/74, de 05 de março de 1974. Foi também reconhecido no Processo nº 1377/73 – CNPq, como Centro de Excelência pelo Conselho Nacional de Pesquisas.⁴⁸ Em 1982, através da Resolução 4/82 do Conselho Universitário, foi autorizada a criação do curso de Pós-Graduação em História, área de concentração História Demográfica, ao nível de Doutorado.

Aplicado mais especificamente à História Regional, o modelo demográfico instalou-se no DEHIS aos poucos, conforme as demandas documentais, técnicas e metodológicas.⁴⁹ O primeiro a defender sua dissertação no Programa de Pós-Graduação em História da UFPR foi Ruy Chistovam Wachowicz, em 23/08/1974, o título da dissertação é: “Abranches: Paróquia de imigração polonesa – um estudo de história demográfica”, orientadora: Altiva Pilatti Balhana.⁵⁰

O Programa de Pós-Graduação em história da Universidade Federal do Paraná tem suas origens na Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná, onde eram oferecidas as opções em Estudo da população tradicional e Estudo da população moderna. Esta iniciativa colocava em prática a primeira experiência, de fato, de trabalhos acadêmicos voltados à História Demográfica. Tanto as metodologias quanto as técnicas já estavam à disposição e em uso desde a década de 1960, contando com a participação de alunos, instrutores voluntários, professores e demais pesquisadores, seja brasileiro ou estrangeiro.

Este enveredamento para a História Demográfica tem muito a ver com a influência da historiografia francesa – mas também de outras como a italiana e as de língua inglesa, por exemplo – da época sobre o DEHIS-UFPR: a metodologia usada era a de Louis Henry e Michel Fleury.⁵¹ O Programa de Pós-Graduação em História da UFPR manteve relações com instituições francesas, e vários professores de lá vieram para cá ensinar suas respectivas metodologias, o primeiro deles foi o historiador francês Frédéric Mauro, em 1973.⁵²

Além disso, havia também a tradução de livros específicos para a História Demográfica, por exemplo, o livro de Louis Henry, *Técnicas de análise em demografia histórica*.⁵³ Este livro surgiu

⁴⁷Idem, p. 69

⁴⁸BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori : vol. II*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 469p. p. 251

⁴⁹Exemplos disso são alguns trabalhos metodológicos produzidos, à época, pelo DEHIS: HENRY, L. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1977, 165p.; BURMESTER, A.M., et CARDOSO, J.A. *A pesquisa em demografia histórica na Universidade Federal do Paraná*. Encontro Nacional de Estudos Populacionais. t. 3, Vitória, 1982, São Paulo, ABEP, 1982, p. 441-444. E vários trabalhos neste paradigma indicam a sua reprodução ou adesão.

⁵⁰BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori : vol. II*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 469p. p. 254

⁵¹Idem, p. 363

⁵²Idem, p. 367

⁵³HENRY, L. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1977, 165p.

como uma contribuição aos estudos com fontes características da História do Paraná, sendo usado como referencial teórico-metodológico em diversas dissertações de mestrado.

Durante os anos de 1972-82 a única alteração do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPR foi a abertura da Linha de pesquisa em História Social.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 CONSTRUÇÃO DA HIPÓTESE

Uma hipótese científica conta com diversos fatores do conhecimento, sendo em alguns casos derivada de *insights*, da imaginação, da ousadia, da ingenuidade. Sendo assim, a formulação da hipótese é uma atividade que vai para além da pesquisa científica ou da rigorosidade da razão. “Uma hipótese científica é uma sugestão de solução a um problema e constitui um tateio inteligente, baseado em uma ampla informação e em uma educação estruturada subjacente. (...) A formulação de uma boa hipótese científica é um ato realmente criativo.”⁵⁴ A relevância e importância de uma hipótese está na capacidade que ela tem de relacionar, coerentemente, problemas levantados e de organizar a pesquisa. Para isso, a construção da hipótese se fez através de todo um manejo com fontes, pesquisa bibliográfica, conversas com o orientador e o incessante exercício crítico que, às vezes, dava a entender que a hipótese era mal colocada ou trivial demais. Mais à frente, coloco os passos que me levaram a construção da hipótese, compartilhando as diversas apropriações e leituras que eu tive com as fontes.

Esta pesquisa partiu de informações básicas sobre o Departamento de História da UFPR – quando foi criado? O que era pesquisado? Qual era a relação da graduação com a Pós-Graduação? Qual era o –, publicações de obras que tratam da UFPR, pesquisa bibliográfica e a busca e seleção de fontes. Esta pesquisa contou também com um forte uso da imaginação que suscitou toda uma problematização inicial.

Em relação ao Departamento de História da UFPR, várias problematizações foram surgindo quanto mais eu o estudava a fundo, principalmente no que diz respeito a trajetórias de seus professores. O seguinte passo, e com mais um monte de problematizações, se deu quando fui estudar a história do DEHIS-UFPR e sua produção historiográfica⁵⁵, constatando que não há quase

⁵⁴GLASS, G. V. STANLEY, J.C. *Métodos estadísticos aplicados a las ciencias sociales*. Madrid, Prentice-Hall, 1974. p. 273

⁵⁵No período de 1972-1982 foram produzidas 55 dissertações, sendo que uma quantia significativa delas trata da História Demográfica. Vários dos títulos das dissertações são sobre a História Demográfica regional.

nenhuma produção acadêmica – existem alguns textos memorialísticos de ex professores e mais duas produções técnicas também de ex professores – que trate do assunto.

As produções historiográficas do DEHIS-UFPR – dissertações de mestrado – permitiram-me um maior aprofundamento do que viria a ser a hipótese desta presente monografia, por exemplo, traçar um perfil do que se estudava em determinadas épocas, a seleção de algumas dissertações de mestrado, os professores envolvidos na produção da História Demográfica, a trajetória acadêmica de alunos que começaram a praticar a História Demográfica na graduação, depois na Pós-Graduação e que viraram professores do DEHIS-UFPR, inclusive orientando trabalhos em História Demográfica.

A pesquisa bibliográfica – seleção de livros teóricos e metodológicos, livros que falam da UFPR, do DEHIS-UFPR e da História Demográfica, fichamentos – permitiu-me elaborar uma problematização mais perspicaz: por que só ex professores e professores escreveram sobre o DEHIS-UFPR? Isto parece algo fácil de ser respondido, por exemplo, que somente estas pessoas teriam propriedade para falar sobre o DEHIS-UFPR. Tal resposta faz todo sentido, porém, abre margens para outras problematizações: por que se produziu tão pouco sobre o DEHIS-UFPR? Todos podiam falar sobre o DEHIS-UFPR, mais especificamente, sobre a produção historiográfica?

Depois de tudo isso, eu me voltei novamente às fontes ditas oficiais do DEHIS-UFPR, desta vez com intuito de explorar as informações sob a ótica de que havia um alinhamento – resalto que nesta altura, eu ainda estava no campo especulativo – específico de historiografia, a História Demográfica. O contato com novas fontes – desta vez, eu estava mais focado nas dissertações de mestrado que tratam dos Estudos Populacionais ou da população de Curitiba, dentro do recorte temporal de 1972-1982 – possibilitou uma reflexão mais profunda, um novo olhar para as outras fontes, gerando com isso a necessidade de um referencial teórico capaz de apreender melhor não só a produção historiográfica ou as informações do texto, mas também as condições de produção destes textos e o papel da História Regional e da História Demográfica neles. Contudo, devo ressaltar que quanto mais as problematizações avançavam, mais os horizontes se abriam e fechavam ao mesmo tempo: confusões, dispersões e equívocos foram correntes durante a construção da hipótese.

Na medida em que algumas problematizações – houve ou não um paradigma no Mestrado em História? seria um paradigma ou um consenso metodológico? tal paradigma teria a sua formação entre os anos de 1972-1982? se sim, quais são os elementos que constituem o paradigma da História Demográfica? – gerais começaram a apontar para o caminho de uma hipótese, houve uma relação mais próxima e objetiva com as fontes, exigindo também toda uma metodologia que desse conta de explorar as fontes e de balizar este trabalho. As variáveis – paradigma, História

Demográfica, História Regional – passaram a formar uma unidade coerente e racional, capaz de responder às perguntas colocadas num primeiro momento. Quanto mais se organizava o material coletado maior era o exercício do raciocínio e da imaginação, possibilitando a formulação da hipótese de que houve um paradigma da História Demográfica entre os anos de 1972 a 1982 no Mestrado em História da UFPR, entretanto, a formação do paradigma é anterior.

A formulação desta hipótese permitiu todo o andamento reflexivo, crítico e imaginativo deste trabalho, por exemplo, o tratamento com as fontes, a seleção delas, a maneira de se lidar com o referencial teórico-metodológico, a apreensão de influências ou alinhamentos com outras historiografias etc. A pesquisa da presente monografia, sob o pressuposto que houve um paradigma da História Demográfica, começou a focar mais nas práticas que constituem um paradigma conforme as definições do historiador e filósofo das Ciências Thomas Kuhn.⁵⁶ Neste sentido, algumas problematizações – por que só ex professores e professores escreveram sobre o DEHIS-UFPR? por que a historiografia francesa ligada a segunda geração dos *Annales* era tão usada? por que muitos alunos iniciados no paradigma da História Demográfica viraram professores? o que era pesquisado e como era pesquisado? – que pareciam ingênuas ou triviais ganharam destaque, possibilitando toda uma abordagem inédita que extrapola as publicações sobre o DEHIS-UFPR e a Pós-Graduação em História da UFPR. Após a criação da hipótese, ela mesma foi colocada em teste várias vezes, pois o contato com fontes novas exigia sempre uma reflexão sobre a hipótese, mostrando os seus limites e avanços, ou seja, a função da hipótese não se restringiu ao momento de sua formulação, ela guiou este trabalho até o seu término.

Resumindo, a construção da hipótese foi motivada pela experiência obtida durante estudos sobre a história da UFPR e a partir de uma aproximação com a produção historiográfica do próprio Departamento de História da UFPR – esta última aproximação trouxe à tona o papel de alguns professores da época na criação e permanência do paradigma da História Demográfica do Paraná entre os anos de 1972 a 1982. A escolha da metodologia da Filosofia das Ciências balizou a construção da hipótese e o seu posterior teste. A hipótese sustentada é o resultado de múltiplas problematizações que, ao poucos, apontaram para um caminho e sintonia entre as diversas variáveis que, se separadas, dificilmente constituiriam uma pesquisa acadêmica. A corroboração ou refutação da hipótese se dá ao longo do trabalho.

2.2 METODOLOGIA

⁵⁶Kuhn considera o paradigma como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que durante algum tempo fornecem problemas e soluções modulares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 260p. p.13

A presente monografia se baseia na análise de fontes escritas⁵⁷ produzidas no próprio Departamento de História, seja por professores e ex professores, e também na análise de manuais que orientavam as pesquisas desenvolvidas na História Demográfica do Paraná. As técnicas usadas para o tratamento destas fontes passaram por toda uma rigorosidade que vai da pesquisa bibliográfica, passando pela seleção das fontes até chegar à crítica às fontes. Neste caminho, surgiram várias limitações, por exemplo, informações contraditórias, simplificações conceituais que tendem a confusões ou mal entendidos e a falta de trabalhos acadêmicos que melhor abordem este tema. Mesmo assim, as informações contidas nas fontes possibilitaram um conjunto de problematizações que gerou toda uma abertura para outras áreas do conhecimento: sociologia e filosofia.

As fontes, levando-se em conta as condições de produção, mostram-nos como que um determinado grupo social garantiu a sua permanência durante mais de uma década. Mais que isso, elas também nos mostram quais eram as condições de pesquisa da época, como que o DEHIS-UFPR priorizou a História Regional através do surgimento e aprimoramento da História Demográfica e como que alguns membros se destacaram porque deram continuidade ao paradigma.

Para melhor apreendermos a hipótese em questão, de que houve um paradigma da História Demográfica, usamos a metodologia proveniente da Filosofia das Ciências, e também daquilo que poderíamos chamar de Sociologia das Ciências, por entendermos que alguns aspectos do paradigma são muito mais próximos da sociologia ou de uma abordagem sociológica, e que a História tem-se aproximado mais desta área nas últimas décadas.

A abertura ou ampliação dos quadros teóricos relaciona-se com mudanças que a própria História passou nas últimas décadas, por exemplo, a Nova História Cultural, possibilitou uma abordagem mais plural da História enquanto ciência, e também das práticas desenvolvidas no interior da Ciência Histórica, por exemplo, questões relacionadas ao poder. O historiador Peter Burke, em um capítulo do livro *O que é a história cultural?*⁵⁸, aborda quatro teóricos importantes para os praticantes da Nova História Cultural: Mikhail Baktin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Neste capítulo, atentamo-nos mais para as observações que Burke faz a respeito de Pierre Bourdieu, tendo em vista que este último tem várias contribuições que mais se aproximam da presente monografia. Vemos que alguns conceitos e teorias de Bourdieu, segundo Burke, vão de encontro àquilo que consideramos ser o paradigma da História Demográfica:

⁵⁷Por exemplo, atas, relatórios, Projetos de Pesquisa, produção historiográfica (as três dissertações analisadas), obras que tratam da Pós-Graduação em História da UFPR.

⁵⁸BURKE, Peter. *O que é a história cultural?* 2. edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008. 215p.

“O conceito de ‘campo’ (*champ*) – literário, lingüístico, artístico, intelectual ou científico – refere-se a um domínio autônomo que, em dado momento, atinge a independência em uma determinada cultura e produz as próprias convenções culturais. Até agora a idéia de campo cultural não atraiu muitos historiadores, mas especialistas em literatura francesa e estudiosos da ascensão dos intelectuais consideram o conceito muito esclarecedor.”⁵⁹

O conceito de “campo” pode ser aplicado ao paradigma da História Demográfica, pois os elementos que o constituem são encontrados nas fontes facilmente. Entretanto, e mesmo sabendo e utilizando, na medida do possível, as contribuições de Bourdieu, a presente monografia atém-se mais ao conceito de paradigma proposto pelo filósofo e historiador das ciências Thomas Kuhn.

Como objetivamos ir além da mera análise da produção de textos, técnicas e metodologias correntes na época, optamos pela metodologia da Filosofia das Ciências por entendermos que ela possibilita uma apreensão mais reflexiva e crítica sobre a hipótese levantada. As esferas política, cultural e econômica são de total importância para percebermos como que o paradigma da História Demográfica se constituiu e permaneceu no Departamento de História da UFPR, tendo como foco a Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná, e sua aplicação no Mestrado em História da UFPR por mais de uma década. A relação do texto ao contexto nos permite interpretar melhor todo o “mundo social” que o DEHIS-UFPR fazia parte, por exemplo, a influência da historiografia francesa ligada aos *Annales* nos membros e praticantes do paradigma, as relações políticas que o DEHIS-UFPR tinha com outras instituições de pesquisa, os papéis sociais que alguns ex professores ocupavam na época, as trajetórias de alguns alunos que depois viraram professores no próprio interior do paradigma e como que tudo isso tinha forte relação com a produção historiográfica da época.

Thomas Kuhn publicou, em 1961, a obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*⁶⁰, cujos objetivos consistem em analisar – dialeticamente – a formação, as características dos paradigmas dentro da comunidade científica e a sua “natureza”: ciência normal; paradigma; crise; revolução. Para ser aceita como paradigma, uma teoria deve parecer melhor que as concorrentes, sem precisar explicar todos os fatos que podem confrontá-la.⁶¹ O paradigma conta com regras reconhecidas e aceitas, às vezes inconscientemente, por todos os seus membros praticantes. Na medida em que uma ciência estabelece o seu paradigma, torna-se gradualmente inteligível aos leigos que não conseguem os progressos realizados. A força que o paradigma exerce sobre uma comunidade científica é mais de caráter normativo e restritivo do que de caráter crítico e criativo. Entretanto, Kuhn entende que o paradigma é necessário para determinar os rumos de uma pesquisa científica, pois sem ele não

⁵⁹Idem, pp. 76-77

⁶⁰KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 260p.

⁶¹Idem, p. 38

haveria como se alcançar soluções concretas de problemas gerados pela própria comunidade científica. Sem ele, o paradigma, a comunidade científica dificilmente se formaria, pois os cientistas trabalham a partir de modelos adquiridos através da educação ou da literatura a que são expostos posteriormente no interior de um paradigma.⁶²

Neste sentido, Kuhn aproxima-se mais de uma sociologia das ciências e com isso faz um trabalho minucioso sobre as relações intrínsecas de uma comunidade científica que, para ele, formam o paradigma. Suas contribuições tornaram-se polêmicas, porém, muito usadas, porque trazem à tona, mediante um forte uso da História das Ciências também, características das comunidades científicas que não são científicas: a força do dogma, o abandono do discurso crítico, a coerção exercida sobre os praticantes da ciência, a vulnerabilidade do conhecimento científico. Sua obra dá um salto qualitativo por não se prender à normatividade do discurso científico, podendo explorar mais os fatores “extra científicos” que tanto condicionam o aparecimento e andamento de uma comunidade científica entendida como paradigma.

A metodologia da Filosofia das Ciências se mostra válida porque atinge questões que ultrapassam a produção de textos e a exposição linear de Escolas Históricas ou tendências historiográficas que podem ser encontradas nas fontes usadas. Ela nos permite, assim como a Sociologia das Ciências, explorar fatores externos ao DEHIS-UFPR: a influência dos *Annales* na historiografia brasileira da época, a produção de manuais de Demografia Histórica, os ritos de iniciação à História Demográfica e a ascensão social-acadêmica daqueles que praticavam a História Demográfica. Permite-nos também localizar os elementos que vieram a constituir o paradigma da História Demográfica antes mesmo da criação da Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná porque se atém mais a questões de “práticas sociais”.

3 HISTÓRIA DEMOGRÁFICA

3.1 HISTÓRIA DEMOGRÁFICA NA UFPR

Debater a História Demográfica é, antes de tudo, um exercício historiográfico sobre a própria criação do DEHIS-UFPR. A relação estabelecida com a Demografia Histórica francesa⁶³ contribuiu para o desenvolvimento de técnicas e metodologias específicas para as fontes encontradas aqui. Seu surgimento tem uma ligação muito próxima com os *Estudos Populacionais*

⁶²Idem, p. 70

⁶³A historiografia francesa mencionada durante toda esta monografia é aquela vinculada à Demografia Histórica. Nas fontes consultadas aparecem Centros ou Institutos de pesquisa: *Institut National d'Études Démographiques* – INED; *Laboratoire de Graphique da École des Hautes Études em Sciences Sociales*.

praticados desde meados da década de 1950. A pesquisa sobre a História Regional tem destaque no curso de História desde a sua fundação na FFCLP. Na ata de criação do DEHIS-UFPR, consta no seu artigo 3º o seguinte: “É finalidade precípua do DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, promover e realizar a pesquisa histórica, notadamente a regional, o estudo da teoria da história, sessões de seminário sobre o ensino da história ou qualquer outro problema da ciência histórica.⁶⁴ Mas o que realmente mudou depois da criação do DEHIS-UFPR foi a maneira de abordar a tão conhecida História Regional – refiro-me, aqui, à História Demográfica ou Demografia Histórica.

Esta mudança expressa a continuidade dos *Estudos Populacionais* ou sobre a população e a aproximação, cada vez mais constante, com a Demografia Histórica francesa ligada aos *Annales*. Até a década de 1960, os trabalhos sobre a História Regional resumiam-se a enfoques políticos, etnológicos e econômicos. Ir para além destes modelos estabelecidos – isto não quer dizer negá-los ou não usá-los – era uma das tarefas colocadas para o DEHIS-UFPR:

“Foi assim marcada para 23 de setembro de 1959 a primeira sessão deste seminário, objetivando a análise da obra dos historiadores do Paraná, com a crítica das suas fontes, métodos e técnicas de trabalho e com a finalidade de realizar o levantamento da situação real da Historiografia Regional do Paraná, e dos problemas que nela restam por serem equacionados e resolvidos.”⁶⁵

Dois anos depois, teve início o primeiro Projeto de Pesquisa referente à História Demográfica do Paraná, sob a direção da professora Altiva Pilatti Balhana, no Arquivo do Estado de São Paulo.⁶⁶ Este Projeto foi o começo, até onde se tem registrado, dos levantamentos de fontes para História Demográfica, sendo, até onde se sabe, o primeiro Projeto de História Demográfica no Brasil.

Em um artigo sobre a Demografia Histórica nesse final de milênio, a historiadora Maria Luiza Marcílio expõe que desde o início Demografia Histórica teve suporte de instituições universitárias, atreladas aos Departamentos de História ou centros de Demografia, podendo, com isso, construir seu espaço especial na universidade brasileira.⁶⁷ O DEHIS-UFPR, neste mesmo artigo, é colocado como o primeiro lugar a desenvolver a História Demográfica no Brasil:

“Tudo começou em 1970, quando o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná – UFPr –, contando então com privilegiado aporte financeiro do MEC, instalou o seu sistema de pós-graduação com a área especial da Demografia Histórica. Com isto, foi possível: a) formar uma geração de mestrandos que desenvolveram trabalhos diversificados

⁶⁴Ata da Reunião do Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, realizada em 2 de dezembro de 1964 [registrando sua constituição em princípios de maio de 1959]. Consultada em 9 de outubro de 2009.

⁶⁵Idem

⁶⁶Idem

⁶⁷MARCÍLIO, M. Luiza. *A Demografia Histórica nesse final de milênio*. Rev. Brasileira Estudos Populacionais, Brasília, 14 (1/2), 1997. pp. 126-143, p. 126

sobre a população do Paraná; b) trazer uma plêiade de especialistas nacionais e internacionais para desencadear o curso de pós-graduação e as co-orientações de trabalhos; c) enviar alguns de seus mestres para continuarem os estudos demográficos, no nível de doutorado, quer na USP, quer em centros do exterior; e d) criar, enfim, o seu próprio programa de doutoramento em demografia Histórica.”⁶⁸

A parte que fala que o DEHIS-UFPR teve um aporte financeiro do MEC para instalar a Pós-Graduação em História da UFPR mostra o relacionamento que a UFPR tinha neste contexto de regime militar – o ex reitor Flávio Suplicy de Lacerda foi ministro da Educação alguns anos antes da criação da Pós-Graduação em História da UFPR.

Em 1969 foi criada a Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná no Departamento de História, e com duas vertentes: Estudo da população tradicional e Estudo da população moderna. Em 1970, e novamente sob a direção da professora Altiva Pilatti Balhana, foi aprovado outro Projeto sobre *História Demográfica do Paraná* nos órgãos superiores da UFPR. No mesmo ano, este Projeto é publicado no Boletim da Universidade Federal do Paraná, tendo como autora a historiadora Altiva Pilatti Balhana.

Este projeto⁶⁹ (que é dividido em: introdução; objetivos e duração da pesquisa; métodos e técnicas de análise; custo e financiamento da pesquisa; instalações, equipamento e material) traz vários elementos do que era a História Demográfica no Departamento de História da UFPR em seu início, por exemplo, o que faz um historiador Demógrafo, quais as instalações físicas e equipamentos, alunos envolvidos, financiamentos.

Na introdução a este projeto, a historiadora Altiva Balhana Pilatti explica que:

“As diretrizes do Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná conduziram os seus estudos para a história econômica e social regional, visando reconstituir um quadro tanto quanto possível completo da sociedade e da economia paranaenses, que possibilite traçar paralelos e contrastes com aqueles de outras regiões do Brasil e do mundo.

Nesse quadro reclamava especial atenção a história demográfica, ou seja, o estudo numérico da população e da estrutura social paranaense no tempo.”⁷⁰

Uma definição de História Demográfica e a que ela deveria servir e onde aplicá-la através de metodologias e técnicas próprias nos ajuda a entender um pouco da produção historiográfica dentro do recorte temporal e também quais eram as influências de outras historiográficas.⁷¹ A própria

⁶⁸Idem, p. 126

⁶⁹Embora este Projeto esteja em nome de Altiva Pilatti Balhana, é importante problematizarmos que, provavelmente, ele foi construído coletivamente, e que é a síntese de muitas discussões, propostas, parcerias etc.

⁷⁰BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Un Mazzolino de Fiori, vol.I*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 424. p. 273

⁷¹Algumas metodologias e técnicas disponíveis à época eram: HENRY, Louis. *Une richesse démographique em friche: les registres paroissiaux. Population*, 2: 281-90, abril-junho, 1953; FLEURY, M., HENRY, L. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. Paris: Institut National D'Etudes Demographiques, 1956; HENRY, Louis. *Manuel de démographie historique*. Paris: Droz, 1967; HENRY, L. *Anciennes familles genevoises. Étude démographique: XVI-XX siècles*. Paris: P.U.F., 1956;

pretensão de “reconstituir um quadro tanto quanto possível completo da sociedade e da economia paranaenses” remete-se a visão de história global ou total da segunda geração da Escola dos *Annales*. O estudo quantitativo da população e da estrutura social do Paraná possibilitava as informações numéricas válidas sobre as transformações das estruturas demográficas paranaenses.⁷²

Os levantamentos de listas nominativas de habitantes e registros paroquiais de batizados, casamentos e óbitos eram feitos por graduandos, pesquisadores e professores sendo, posteriormente, usados nas primeiras dissertações de mestrado do curso de Pós-Graduação em História da UFPR.

Sobre os *Métodos e técnicas de pesquisa*, o Projeto sobre *História Demográfica do Paraná* expõe dados de muita relevância para melhor entendermos as influências da História Demográfica no DEHIS:

“A presente pesquisa tem, como quadro de referência, na sua problemática e metodologia, os trabalhos que vêm sendo realizados na França e na Inglaterra, no campo da demografia histórica, respectivamente pelos grupos de pesquisadores do *Institut National d'Etudes Démographiques* e do *Cambridge Group for the History of Population and Social Structure*, com as devidas adaptações à documentação que pode ser encontrada no Brasil e às condições peculiares da sua formação demográfica.”⁷³

A matriz teórico-metodológica era de predominância francesa – *Annales* –, assim como os institutos relacionados à Demografia e à História Demográfica. Muitos professores estrangeiros da França e da Inglaterra vieram ao Brasil ministrar aulas no curso de Pós-Graduação em História. No decorrer da década de 1970, a História Demográfica no DEHIS-UFPR seguiu a linha voltada mais à Demografia Histórica francesa, adotando a metodologia criada por Louis Henry e Michel Fleury⁷⁴, porém, não se fechou para outras contribuições, sejam as vindas da Inglaterra, Itália etc.

Um pouco depois e no mesmo Projeto em questão, aparece o seguinte: “O procedimento metodológico básico da demografia histórica consiste na aplicação rigorosa dos métodos de análise da demografia científica moderna, aos dados demográficos contidos em documentos, cifrados ou não do passado.”⁷⁵ Dentro deste Projeto, os alunos iniciados na História Demográfica obtinham estas informações em diversos manuais usados na época, tendo como maioria os de língua francesa. O perfil de historiador demógrafo é bem descrito no Projeto sobre *História Demográfica do Paraná*:

“O historiador demógrafo emprega na etapa inicial do levantamento de dados, as mesmas técnicas e instrumentos utilizados pelos agentes censitários, com a diferença que, em lugar de inquirir pessoas, ele deve consultar documentos escritos. Assim, em lugar de perguntar, ouvir e transpor as informações para o boletim censitário, ele obtém respostas para os

⁷²BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Un Mazzolino de Fiori*, vol. I. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 424. p. 273

⁷³Idem, p. 276

⁷⁴BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Un Mazzolino de Fiori*, vol. III. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 514p. p. 363

⁷⁵BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Un Mazzolino de Fiori*, vol. I. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 424. p. 276

questos dos seus formulários, lendo principalmente duas categorias de documentos, os censos antigos e os registros paroquiais.”⁷⁶

Um pouco depois neste mesmo Projeto, as fonte e técnicas de pesquisa são detalhadas com várias informações que nos mostram o tanto que o paradigma já estava bem estabelecido:

“As técnicas para extrair da documentação histórica as enumerações, ou seja, as informações transformadas em algarismos, para serem construídas as séries de dados, com as quais são elaboradas as tabulações e quadros estatísticos, consistem na utilização de uma série de fichas destinadas a apresentar de modo ordenado, as anotações constantes das atas de batismos, casamentos e óbitos. Foram criadas por Louis Henry e Michel Fleury que, em 1956, publicaram um primeiro manual de exploração dos registros paroquiais, e adotadas por importantes grupos de pesquisadores, graças ao que a demografia histórica muito se desenvolveu, nos últimos quinze anos, principalmente em centros europeus.”⁷⁷

Na parte que trata do *Custo e financiamento da pesquisa* aparece a UFPR, através do Conselho de Pesquisas que aprovou na proposta orçamentária de 1970, como patrocinadora do Projeto em *História Demográfica do Paraná*.⁷⁸ Saber que o DEHIS-UFPR teve respaldo tanto da UFPR quanto do MEC para implementar os estudos em *História Demográfica do Paraná* nos é uma informação válida no sentido em que mostra todo o envolvimento que os professores tinham dentro e fora da UFPR.

A última parte do Projeto, que trata do *Grupo de pesquisa*, mostra-nos que o DEHISUFPR interagiu com vários outros Departamentos, por exemplo, Estatística, Economia, Sociologia, Antropologia, Genética.⁷⁹ Os critérios de participação de alunos no Projeto são colocados da seguinte forma: “a participação ativa e regular de estudantes que revelem aptidões e maior vocação para este gênero de trabalho científico, será indispensável, sobretudo nas etapas iniciais de levantamento de dados, bem como em outras atividades auxiliares da pesquisa.”⁸⁰ A aptidão e a vocação eram obtidas através da iniciação ao paradigma da História Demográfica – os manuais de História Demográfica já estavam à disposição no DEHIS-UFPR nesta época, sendo de uso obrigatório àqueles que quisessem prosseguir nos estudos de Demografia.

Na segunda parte deste capítulo, analisamos uma fonte⁸¹ que contém várias informações inéditas sobre a História Regional e a História Demográfica. Esta fonte, que se refere a um Congresso, está dividida da seguinte maneira: 0 – Introdução; 1 – Participantes; 2 – A Mesa-Redonda; 3 – Comunicações; 4 – Conclusões.

⁷⁶Idem, p. 277

⁷⁷Idem, p. 277

⁷⁸Idem, p. 278

⁷⁹Idem, p. 279

⁸⁰Idem, p. 279

⁸¹*Estado Atual da Pesquisa Histórica no Brasil*. Mesa-Redonda por ocasião da XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC-ANPUH), de 1971. pp. 353-368. pp. 362-363

Neste Congresso, participaram quinze pessoas da UFPR, sendo que dez eram professores, entre eles podemos destacar Altiva Pilatti Balhana, Cecília Maria Westphalen, Odah Regina G. Costa e os professores Brasil Pinheiro Machado, Jayme Antônio Cardoso, Sérigo Odilon Nadalin, Ruy C. Wachowicz entre outros.

Na introdução, são anunciados os participantes das mesas e sobre o tema do Congresso; logo após, na parte 1 da fonte, são apresentados os participantes do Congresso e qual universidade ou faculdade representam; na parte 2 da fonte, várias universidades e faculdades apresentam os seus respectivos relatórios; a parte 3 segue na mesma metodologia da que a precede; e as conclusões, parte 4, expõem 03 propostas para a pesquisa histórica brasileira.

A UFPR, na figura do professor Brasil Pinheiro Machado, apresenta o seguinte relatório:

“A pesquisa Histórica na Universidade Federal do Paraná, dizendo das razões pelas quais a pesquisa histórica nela desenvolvida está voltada para a história regional, sobretudo como estratégia operacional. Refere o conceito de história regional, dentro do complexo da História do Brasil, como a história dos grupos humanos regionais, com a adoção, portanto, de um regionalismo social e não simplesmente geográfico, e considerando-se que cada uma dessas históricas regionais têm uma ambientação que a diferencia das outras, usando-se o termo ambientação no sentido de caracterização, de espaço social. Conceituada a região histórica, e ante a contribuição das demais Ciências Sociais, chegou-se à conclusão que o instrumento de estudo para o conhecimento da história regional era o das comunidades, haja vista que a formação da sociedade brasileira não foi a formação de uma sociedade unitária, indiferenciada, monolítica, monogenética, mas foi um conjunto de formações regionais que nasceram e se desenvolveram quase auto-suficientemente isoladas, com motivações diversas e criaram estilos de vida diversos em regiões geográficas diferentes. Cada uma dessas formações regionais que se constituíram pelo seu modo de povoamento tem a sua própria história. De modo geral estas histórias regionais seguem o seguinte modelo: 1. – O início do povoamento é assinalado pela formação de um núcleo colonizador, um centro social de irradiação, uma cidade ou uma vila. 2. – A expansão da comunidade, ou seja a expansão dirigida desse centro, de onde resulta a conquista, pela posse, de determinado território. 3 – A constante subordinação social e política dos núcleos resultantes da expansão ao centro social inicial, de modo a formar um conjunto.”⁸²

Brasil Pinheiro Machado expõe, e de maneira conceituada, toda a complexidade do que é a História Regional, sem cair, por um lado, nas armadilhas do regionalismo fechado em si mesmo, e por outro lado, sem cair nas armadilhas que reduzem a História do Brasil a histórias de algumas regiões: São Paulo e Rio de Janeiro. Nesta mesma citação, podemos dizer que os “Estudos das comunidades” estão relacionados com os estudos das populações.

As professoras Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Wetphalen, nesta mesma fonte, comentam que as diretrizes do DEHIS-UFPR conduziram os seus trabalhos de pesquisa para a história econômica e social regional, visando reconstituir um quadro tanto quanto completo da sociedade e da economia paranaenses que possibilite traçar paralelos e apontar contrastes com aqueles de outras regiões do Brasil e do Mundo. Na apresentação dos Projetos em andamento do

⁸²Idem, pp. 362-363

DEHIS-UFPR, as duas relatam, detalhadamente, o seguinte:

“Projeto nº 1. – Levantamento e arrolamento de Arquivos. Considerando as perdas irreparáveis e as condições precárias dos arquivos, bem como, a longo prazo, o seu arrolamento, conforme metodologia própria. Projeto nº 2. – Navios e mercadorias no Pôrto de Paranaguá: Examina a vida do pôrto, do século XVII a princípios do XX, através das séries relativas às entradas e saídas de embarcações, importações e exportações, prêços, e outras, evidenciando suas flutuações. Objetiva verificar a integração da economia paranaense na economia atlântica, bem como a medida dessa integração. Constitui, aliás, a primeira experiência em história quantitativa ou serial que se fez em História do Paraná. Projeto nº 3. – História Demográfica do Paraná: Objetiva o estudo quantitativo retrospectivo da população e da estrutura social do Paraná, através de duas categorias principais de documentos, os censos antigos e os registros paroquiais. Compreende, de um lado, o estudo do número, composição, distribuição, estruturas etária e ocupacional, organização e dimensão da família, grau de instrução, padrão de vida, taxas de natalidade, nupcialidade, mortalidade, e outras, da população do Paraná tradicional, na qual o branco, o índio, o negro, e tôda a variada gama de mestiços que caracteriza o quadro demográfico brasileiro, estão representados. E de outro, idênticos estudos serão realizados em relação dos contingentes étnicos que contribuíram para alterar o quadro demográfico paranaense, com a chegada de imigrantes Alemães, poloneses, ucranianos, italianos, que constituem os grupos imigrados mais significativos, também serão estudados através das séries paroquiais.”⁸³

Dentre todas as fontes consultadas nesta presente monografia, esta é a única que fala de maneira pormenorizada sobre a História Demográfica do Paraná⁸⁴ no DEHIS-UFPR. Nela, podemos perceber quais eram as práticas metodológicas, técnicas e teóricas que constituíam o *métier* da História Demográfica do Paraná na época, e como elas eram tratadas com tamanha importância.

3.2 ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRÊS DISSERTAÇÕES

As três dissertações⁸⁵ foram selecionadas e estudadas porque melhor expressam o paradigma da História Demográfica aplicado à História Regional. Elas foram produzidas concomitantemente, e

⁸³ *Estado Atual da Pesquisa Histórica no Brasil*. Mesa-Redonda por ocasião da XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC-ANPUH), de 1971. pp. 353-368. p. 364

⁸⁴ História Demográfica e Demográfica História não são, de fato, a mesma coisa, porém, não há uma preocupação nas fontes consultadas em definir cada área em separado. As igualações de uma com a outra acontecem seja nas dissertações de mestrado ou nas fontes consultadas. Para um melhor esclarecimento sobre as especificidades de cada área, ver as seguintes produções acadêmicas: COSTA, I.N. *Por uma definição de Demografia Histórica*. Boletim de História Demográfica, São Paulo, ano I, n. 2, julho de 1994.; COSTA, I.N. *Demografia Histórica ou História Demográfica? Uma nota sobre terminologia*. Boletim de História Demográfica, São Paulo, ano VI, n. 18, novembro de 1999.; COSTA, I.N. *Demografia Histórica: algumas observações*. Revista de História [24]; João Pessoa, jan./ jun. 2011; HOLLINGSWORTH, T.H. *Uma conceituação de Demografia Histórica e as diferentes fontes utilizadas em seu estudo*. In: *DEMOGRAFIA histórica: orientações técnicas e metodológicas*. Maria Luiza Marcílio (org.). São Paulo: Pioneira, 1977. 261p., il. (Coleção novos umbrais).

⁸⁵ BONI, M.I.M. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes, 1765/1785*. Curitiba, 1974, 164p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná; SCHAFF, M.B. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes – 1786/1799*. Curitiba, 1974, 165p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná; BURMESTER, A.M.O. *A população de Curitiba no século XVIII – 1751/1800, segundo os registros paroquiais*. Curitiba, 1974, 107p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

orientadas pela mesma professora (Oksana Boruszenko), tendo um pequeno espaço de tempo entre suas respectivas defesas. As autoras foram alunas da graduação em História da UFPR e também praticantes do paradigma, desenvolvendo pesquisas de arrolamentos de dados na década de 1960. Dois anos após a criação da Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná, em 1971, as três autoras ingressaram juntas no DEHIS-UFPR como professoras.

As fontes usadas nas três dissertações foram conseguidas, arroladas e problematizadas desde a década de 1960, quando se teve início o primeiro Projeto de História Demográfica. Com o passar dos anos, o paradigma foi ganhando inovações técnicas e metodológicas, adeptos, financiamento e espaço no próprio DEHIS-UFPR. A influência da historiografia francesa (levando-se em conta a diversidade da historiografia francesa da época) ganhou mais espaço com as contribuições metodológicas desenvolvidas para as fontes encontradas no Paraná. O Mestrado em História tinha uma importância utilitária muito bem definida na época, conforme uma praticante do paradigma:

“Na consideração da população paranaense, foram realizadas dois tipos de trabalho. Um, a exploração sumária dos dados, apresentado, via de regra, em dissertações de Mestrado. Em geral, compreende análises do efetivo populacional, sua evolução e masculinidade, estruturas etárias, frequência de ilegítimos e de expostos, frequência do celibato definitivo, idades ao casar, recasamentos, origem e migração dos noivos, mortalidade infantil, estruturas ocupacionais etc. Estes grupos têm abrangido, de um lado, a população tradicional do Paraná, isto é, os índios, os luso-brasileiros e os africanos, e, de outro, os diversos grupos de imigrantes entrados a partir do século XIX, como os alemães, os italianos, poloneses, ucranianos, e seus descendentes, entre outros. Vale observar que incluem também estudos sobre a população pré-histórica do Paraná.”⁸⁶

Esta citação expressa o objetivo das dissertações analisadas, trazendo não só elementos contidos nelas como também os explicando minuciosamente. A exploração sumária dos dados é fortemente notável nas dissertações analisadas, utilizando-se de diversas tabelas e gráficos. Tanto os estudos da população dita tradicional quanto os da população moderna eram passíveis de serem analisados pela História Demográfica, demonstrando a possibilidade de reconstituir um “quadro completo da população, da sociedade e da economia paranaense.”

Estes elementos citados acima permitem uma problematização que dá conta tanto da localização de práticas que constituem o paradigma quanto das pessoas que o reproduzem. A forte proximidade dos títulos chama a atenção para os *Estudos Populacionais* produzidos no paradigma da História Demográfica. A História Regional, mais especificamente a moderna que começa com as imigrações, era o lugar de aplicação do paradigma. As fontes e o desenvolvimento de técnicas e metodologias consolidaram o paradigma no DEHIS-UFPR, garantindo a formação de seus praticantes e também a qualificação dos que já eram membros.

Estabelecer técnicas e metodologias assim como garantir uma Linha de Pesquisa em

⁸⁶BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Un Mazzolino de Fiori*, vol. III. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 514p. p. 364

História Demográfica do Paraná foram fatores para que os pesquisadores envolvidos no paradigma prosseguissem com trabalhos acerca da História Regional. A criação do Mestrado em História da UFPR garantiu que as pesquisas de História Demográfica produzidas durante toda a década de 1960 (visita aos arquivos, tratamento das fontes, arrolamentos) viabilizassem, material e metodologicamente, trabalhos acadêmicos de maior rigor científico. É neste sentido que devemos perceber as três dissertações selecionadas como o aprimoramento daquilo que já estava em uso. A necessidade de uma identidade da História Regional que fosse para além dos clássicos da primeira metade do século XX era uma tarefa a ser feita, mas não dentro da dicotomia História Regional versus História do Brasil. A História Demográfica resgatava a primazia da História Regional ao trazer toda uma abordagem nova e possibilitar a utilização de novas fontes.

Sobre as análises propriamente ditas, começemos pelo sumário das três dissertações que muito se assemelha. A estrutura é literalmente igual nas duas últimas dissertações⁸⁷. Quanto à primeira, há diferenças, mas o conteúdo permanece o mesmo. As três dissertações trazem na introdução a vinculação metodológica da História Demográfica francesa, usando citações de manuais e de outras obras produzidas dentro da metodologia Demográfica: “No Brasil, o trabalho de Maria Luiza Marcílio sobre a população da vila de São Paulo é um exemplo da utilização da metodologia francesa de Demografia Histórica, para as condições específicas dos registros paroquiais conservados nos arquivos paulistas.”⁸⁸

E na dissertação de Maria Ines Mancini aparece o seguinte na introdução:

“Dentro dos propósitos de pesquisa do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, de estudar as estruturas econômico-sociais da sociedade paranaense, está inserido este estudo que tem por objeto o conhecimento da estrutura populacional curitibana em dois momentos precisos do século XVIII (1776-1785), no que se refere à composição da população por sexo, idade e estado civil, a estrutura da família e dos domicílios.”⁸⁹

Os *Estudos Populacionais* faziam parte das estruturas econômico-sociais da sociedade paranaense. As maneiras de se abordar a composição da população podem ser as já citadas ou separadamente. Logo após, a autora revela que um dado bastante importante sobre as fontes que eram tratadas desde a década de 1960: “A escolha do tema se prende à exploração de fontes primárias até aqui não utilizadas, como o são as listas nominativas de habitantes dos antigos censos realizados na Capitania de São Paulo, da qual fazia parte o Paraná, em especial as listas de

⁸⁷BONI, M.I.M. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes, 1765/1785*. Curitiba, 1974, 164p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná; SCHAFF, M.B. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes – 1786/1799*. Curitiba, 1974, 165p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

⁸⁸A.M.O. *A população de Curitiba no século XVIII – 1751/1800, segundo os registros paroquiais*. Curitiba, 1974, 107p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná. p. 2

⁸⁹BONI, M.I.M. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes, 1765/1785*. Curitiba, 1974, 164p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná. p. 9

habitantes da Vila de Curitiba.”⁹⁰ A conversão do manuseio destas fontes primárias mais as metodologias em trabalhos acadêmicos é o grande feito da História Demográfica no Mestrado em História da UFPR.

A vinculação ao paradigma da História Demográfica francesa se expressa nas dissertações que trazem como metodologia empregada os modelos de Louis Henry para os estudos da população por sexo, idade e estado matrimonial e Peter Laslett para a análise da estrutura das famílias e dos domicílios. Os capítulos *as fontes, as técnicas ou a metodologia* das três dissertações não apresentam explicações ou exposições divergentes de seus referenciais teórico-metodológicos, aplicando-os conforme a diferença temporal que de fato muda nas três dissertações, por mais que uma das dissertações (a de Ana Maria Burmester) use outras fontes: registros paroquiais. Mesmo assim, o paradigma e a utilização da metodologia permanecem o mesmo.

Sobre a formação da Vila de Curitiba, primeiro capítulo nas três dissertações, são utilizadas fontes primárias e as obras clássicas da historiografia brasileira e da História Regional. Nesta época, quase não havia obras de História Demográfica que tratasse do Paraná, sendo a grande maioria de enfoque político e econômico. Alguns professores do DEHIS-UFPR tinham produzido obras em boletins da UFPR e em outros lugares⁹¹ sobre a História Regional, tendo como horizonte algumas contribuições da História Demográfica e da História Econômica.

Indo além do texto, percebemos que as relações estabelecidas dentro do paradigma apontam para uma divisão étnica de quem deve ou pode estudar tais fontes demográficas de imigrantes, e quem eram as pessoas mais “destacadas” no paradigma: Altiva Pilatti Balhana e Oksana Boruszenko. Esta divisão pressupõe um domínio das técnicas da História Demográfica e vinculação étnica ao objeto a ser estudado, por exemplo, a ex professora Altiva Pilatti Balhana estudava os italianos, o ex professor Sérgio Nadalin estudava os alemães, o ex professor Ruy Cristovam Wachovicz estudava os poloneses, a ex professora Oksana Boruszenko estudava os ucranianos.

A demanda pelos estudos destas etnias estava de acordo ao papel social que elas ocupavam no cenário da UFPR e da própria elite local, que passou a ser formada também por descendentes de imigrantes europeus. O resgate da cultura destes imigrantes foi ganhando aos poucos importância na “capital europeia” chamada Curitiba, e a produção historiográfica do Mestrado em História da UFPR expressa um pouco desta importância.

Enfim, isto é apenas um exemplo de como os estudos da História Demográfica contribuíram

⁹⁰Idem, p.9

⁹¹BALHANA, Altiva Pilatti. *Formação da população paranaense*. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, 10:40-51, 1969.; PINHEIRO MACHADO, Brasil. *Formação da estrutura agrária tradicional dos Campos Gerais*. Boletim da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Departamento de História, 3:8, 1963.; WESTPHALEN, Cecília Maria. *O porto de Paranaguá em 1822*. Boletim da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Departamento de História, 19:37, 1972.

para a criação de toda uma identidade cultural de origem européia casada com o discurso de modernização da capital paranaense a partir da década de 1970. Não estou afirmando que os estudos de História Demográfica serviram apenas para isso ou que a sua produção foi gerada para isso. Ressalto que a produção desenvolvida no Mestrado em História da UFPR acabou servindo, intencionalmente ou não, a todo um resgate e enaltecimento da cultura e das tradições dos imigrantes de origem européia. Temos vários parques, bosques e memoriais criados pós década de 1970 que remetem às etnias européias.

As três dissertações abordam um período em que a formação da população da Vila de Curitiba era a tradicional (índios, luso-brasileiros e escravos), abrindo depois disso todo o caminho para o estudo da população moderna (imigrantes de origem européia). A reconstituição da estrutura populacional da Vila de Curitiba desde a população tradicional era necessária e fazia todo sentido dentro de uma história total.

3.3 PARADIGMA, ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA OU CONSENSO METODOLÓGICO?

Ao longo deste trabalho analisamos se houve ou não um Paradigma da História Demográfica, percorrendo as influências que estão lá criação do DEHIS-UFPR, passando pela formação de alguns professores até chegarmos à produção acadêmica propriamente dita com a criação do Mestrado em História da UFPR.

Para concluirmos que houve um paradigma, trazemos aqui um exemplo de abordagem reflexiva a partir da noção de paradigma, programa, escola, ou orientação que é o capítulo de um livro do historiador brasileiro José Carlos Reis.⁹² Neste capítulo, o autor expõe e comenta alguns trabalhos que analisam se os *Annales* formaram ou não um paradigma ou um programa, se são herdeiros ou não de uma prática anterior ou o fruto de uma revolução científica. Apesar de toda a polêmica levantada entre os que defendem e os que não defendem o suposto paradigma dos *Annales*, o que nos importa, através das contribuições de Reis, é a seguinte exposição que ele coloca ao abordar Thomas Kuhn:

“Paradigma pode ser usado em dois sentidos: o sociológico, com o significado de um conjunto de crenças, valores e técnicas comuns a um grupo que pratica um mesmo tipo de conhecimento; e o filosófico, como um elemento isolado do conjunto anterior, isto é, como as soluções concretas de enigma que, empregadas como modelos e exemplos, legitimam a ciência normal e as revoluções científicas. Uma comunidade científica é que define um paradigma no sentido sociológico: um grupo de indivíduos que praticam certa especialidade científica, que tiveram uma formação e uma iniciação profissional semelhantes, assimilaram a mesma literatura técnica, obtiveram os mesmos ensinamentos.”⁹³

⁹²REIS, José Carlos. *A História, entre a filosofia e a Ciência*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 120p. pp.67-106

⁹³Idem, p. 67

No Mestrado em História da UFPR podemos concluir que houve sim um paradigma no sentido sociológico e que ele tem suas origens em meados da década de 1960. A criação da Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná, em 1969, contou com todo um suporte: metodologias e técnicas definidas; tratamento avançado das fontes demográficas encontradas no Paraná; apoio institucional e financeiro; recursos humanos que iam desde alunos de graduação e demais pesquisadores até os professores do DEHIS-UFPR. A Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná também é entendida como um paradigma da História Demográfica.

A iniciação profissional e a assimilação de literatura técnica comum são notadas nas três dissertações analisadas e também nas obras memorialísticas da ex professora Altiva Pilatti Balhana. Alguns alunos de graduação (Sérgio Nadalin, Ana Maria Burmester, Maria Ighes Mancini, Jayme Cardoso) que viraram professores e praticantes da História Demográfica nos mostram a eficácia do paradigma e o quanto que ele era uma condição para entrar no DEHIS-UFPR, mesmo sabendo que havia uma Linha de Pesquisa em História Econômica que também tinha suas metodologias e produção acadêmica relevante. Este

Concluimos que a relação entre a História Regional e a História Demográfica foi crucial para a consolidação do paradigma. Antes mesmo da criação do DEHIS-UFPR, a preocupação de uma História Regional que fosse mais científica e total e que se utilizasse de fontes seriais e quantitativas já ganhava espaço. Não havia como inovar, em História Regional do Paraná, sem uma concepção de história que fosse científica e rigorosa metodologicamente. O monopólio da produção em História Regional se concretizava cada vez mais no DEHIS-UFPR, enquanto que a produção em outros lugares ia caindo na marginalidade ou no descrédito acadêmico – exemplo disso são as diversas obras de História do Paraná produzidas por David Carneiro, obras de historiadores que não eram formados em História e outras produzidas no interior do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

A História Demográfica, que era científica e acadêmica, colocou em evidência tanto a História Regional quanto o próprio DEHIS-UFPR, que virou referência nacional nesta área. A hegemonia de produção historiográfica do paradigma pode ser vista até na criação do doutorado, em 1982, que foi em História Demográfica.

Ressaltamos que as definições do conceito de paradigma em Thomas Kuhn são muito polissêmicas, o que o torna abrangente e perigoso ao mesmo tempo. Contudo, elas são eficazes para abordarmos o objeto de pesquisa desta presente monografia: a Linha de Pesquisa em História Demográfica do Paraná entre os anos de 1972-82. As práticas que constituem um paradigma são demonstradas ao longo desta presente monografia em diversas circunstâncias, onde a criação e a

permanência do paradigma aparecem com práticas “pouco científicas”: exercício do dogma e aplicações mecânicas de metodologias vindas de fora são alguns exemplos.

Por fim, paradigma, orientação metodológica ou consenso metodológico trazem consigo todo um conjunto de práticas que não se contradiz: aceitação das regras de pesquisa e produção impostas; assimilação das mesmas literaturas técnicas; prestígio social àqueles que praticavam o paradigma; reconhecimento entre seus pares conforme a reprodução do paradigma. A conclusão de que houve um paradigma se sustenta na busca e classificação dos elementos que constituem um paradigma conforme o referencial teórico-metodológico utilizado. Estes elementos são percebidos em algumas trajetórias de ex professores, produção e reprodução de práticas sociais relacionadas à pesquisa e também na própria composição hierárquica que regrou o DEHIS-UFPR entre os anos de 1972-82.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori : vol. I*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 424p.

BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori : vol. II*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 469p.

BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Um Mazzolino de Fiori, vol. III*. Curitiba: Imprensa Oficial: Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2003. 514p.

BALHANA, Altiva Pilatti. *História demográfica do Paraná: pesquisas em curso*. Boletim da Universidade Federal do Paraná. Departamento de História (10), 1970, p.27-36

BONI, M.I.M. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes, 1765/1785*. Curitiba, 1974, 164p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

BURMESTER, A.M.O. *A população de Curitiba no século XVIII – 1751/1800, segundo os registros paroquiais*. Curitiba, 1974, 107p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

BURMESTER, A.M., et CARDOSO, J.A. *A pesquisa em demografia histórica na Universidade Federal do Paraná*. Encontro Nacional de Estudos Populacionais. t. 3, Vitória, 1982, São Paulo, ABEP, 1982, p. 441-444.

Estado Atual da Pesquisa Histórica no Brasil. Mesa-Redonda por ocasião da XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC-ANPUH), de 1971. pp. 353-368. pp. 362-363

MARCHI, E. et. Alii. *Trinta anos de historiografia: um exercício de avaliação*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH v. 13 n° 25-26, set. 92 – ago. 93. p. 133-141.

SCHAFF, M.B. *A população da vila de Curitiba segundo as listas nominativas de habitantes – 1786/1799*. Curitiba, 1974, 165p. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

SIQUEIRA, M.T.A.D. UFPR Departamento de História. *DEHIS: 30 anos de História*. Boletim 32, ago. 1995.

SIQUEIRA, M.T.A.D.; MARCHI, E. *O nascimento do Dehis*. In: XVI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica – SBPH, 1996, Curitiba. Anais da XVI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica – SBPH. Curitiba: SBPH, 1996. v. 16. p. 67-69.

SIQUEIRA, M.T.A.D. UFPR Departamento de História. *DEHIS: 30 anos de História*. Boletim 32, ago. 1995

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BURKE, Peter. *O que é a história cultural?* 2. edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008. 215p.

CAMPOS, Nívio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)*. Curitiba: Ed. UFPR, 2008. 258p. p. 74.

CARNEIRO, David. *Educação, universidade e história da primeira universidade do Brasil*. Curitiba: Imprensa da UFPR, 1971. 204 p. il.

COSTA, I.N. *Por uma definição de Demografia Histórica*. Boletim de História Demográfica, São Paulo, ano I, n. 2, julho de 1994.

COSTA, I.N. *Demografia Histórica ou História Demográfica? Uma nota sobre terminologia*. Boletim de História Demográfica, São Paulo, ano VI, n. 18, novembro de 1999.

COSTA, I.N. *Demografia Histórica: algumas observações*. Revista de História [24]; João Pessoa, jan./ jun. 2011.

COSTA, Iseu Affonso da; LIMA, Eduardo Corrêa (orgs.). *O ensino da medicina na Universidade Federal do Paraná*. 02 ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. 362p. : il.

COSTA, Samuel Guimarães da. *A Erva-Mate*. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

CURY, C.R.J. *A desoficialização do ensino no Brasil: a Reforma Rivadávia*. Educação & Sociedade (impresso), v. 30, p. 717-738, 2009.

DONI FILHO, Luis. *História da Escola Agrônômica do Paraná*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995. 150p. il.

FLEURY, M., HENRY, L. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. Paris: Institut National D'Etudes Demographiques, 1956.

GLASS, G. V. STANLEY, J.C. *Métodos estadísticos aplicados a las ciencias sociales*. Madrid,

Prentice-Hall, 1974.

HENRY, L. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1977, 165p.

HENRY, Louis. *Une richesse démographique em friche: les registres paroissiaux*. *Population*, 2: 281-90, abril-junho, 1953.

HENRY, Louis. *Manuel de démographie historique*. Paris: Droz, 1967.

HENRY, L. *Anciennes familles genevoises. Étude démographique: XVI-XX siècles*. Paris: P.U.F., 1956.

HOLLINGSWORTH, T. H. *Uma conceituação de Demografia Histórica e as diferentes fontes utilizadas em seu estudo*. In: *DEMOGRAFIA histórica: orientações técnicas e metodológicas*. Maria Luiza Marcílio (org.). São Paulo: Pioneira, 1977. 261p., il. (Coleção novos umbrais).

MARCÍLIO, M. Luiza. *A Demografia Histórica nesse final de milênio*. Rev. Brasileira Estudos Populacionais, Brasília, 14 (1/2), 1997. pp. 126-143, p. 126

MOELLER, Alda Aracy; MARANHÃO, Eny de Camargo. *Histórico do curso de Geografia: 50 anos; 1938-1988*. Curitiba: Imprensa Universitária da UFPR, 2002

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 260p.

KUHN, Thomas S. *A função do dogma na investigação científica*, pp. 53-80. In: DEUS, Jorge Dias de (org.) *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 240p.

PUPPI, Ildelfonso C. *Fatos e reminiscências da Faculdade*. Curitiba: UFPR, 1986. 196p. il.

REIS, J.C. *A História, Entre a Filosofia e a Ciência*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. v. 1. 96p

SIQUEIRA, Márcia Dalledone et al. *Rumos da pesquisa: uma história da pesquisa e Pós-graduação na UFPR / Universidade Federal do Paraná*. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Curitiba: UFPR, 1998. 163p. il.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone et al. *Universidade Federal do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1998. 43p.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. *Faculdade de Direito, 1912 – 2000, Universidade Federal do Paraná*. Curitiba: UFPR, 2000. 104p. il.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. *Rumos da Pesquisa: uma história pesquisa e pós-graduação na UFPR*. Curitiba: UFPR, 1998. 163p

WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *História do Paraná*, Curitiba: Gráfica Vicentina, 6 edição, 1988.;

WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *Universidade do Mate: história da UFPR*. 2º ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. 222p. il.

WESTPHALEN, Cecília Maria. *Universidade Federal do Paraná: 75 anos*. Curitiba: SBPH-Pr, 1987. 116p.

WESTPHALEN, Cecília Maria. *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná: 50 anos*. Curitiba: SPBH-PR, 1988. 164p.